



## A FANTÁSTICA LENDA DOS CINCO MAGNÍFICOS.

MINHA DEDICAÇÃO A TODOS OS SENIORES DO MUNDO, UM RAÇA DE RAPAZES E MOÇAS QUE PRATICAM O ESCOTISMO PURO EM BUSCA DE GRANDES AVENTURAS.

Nota - Estas três aventuras dos Cinco Magníficos foram agora condensadas para melhor visão dos leitores que gostam de grandes aventuras de Escoteiros Seniores. Claro que muito do que conta as histórias é ficção e isto é que deu um gostinho de quero mais. Nada difere de muitas tropas seniores que correm de norte ao sul em seus acampamentos em suas grandes atividades aventureiras e como diz a canção, tropa sênior, sênior é, é que é bacana!



## AS LEGENDÁRIAS LENDAS ESCOTEIRAS

### Os cinco Magníficos

(Os cinco Magníficos são seniores da patrulha Aconcágua, do 568º Grupo Escoteiro Pico da Neblina. Rotineiramente estarão aqui contando suas epopéias divertidas e aventureiras. Muitas já vividas pelos nossos magníficos seniores de todo o país. Sejam bem-vindos a patrulha Aconcágua e os cinco Magníficos).

### História I

Historia de hoje: O Castelo Medieval e a famosa espada samurai.

"Vencer não é competir com o outro. É derrotar os seus inimigos interiores. É a própria realização do ser."  
Anônimo.

### Capitulo I

Sentia-me exaurido. Pudera. Fora uma semana repleta de surpresas, cujos frutos não podiam ser considerados satisfatórios. Nada estava dando certo nas minhas atividades profissionais. No norte não conseguí fechar o contrato já discutido e aceito pelo cliente. Na última hora desistiu. Também próximo a capital mais linda do nordeste fiquei sabendo que um dos nossos principais clientes pedira concordata. Agora estava

para fechar um dos melhores contratos previstos para o início do ano, e quando cheguei próximo à mineradora, uma chuva torrencial caiu como se fosse inundar toda a terra. Para melhorar tudo, dois pneus furaram simultaneamente no taxi que tinha alugado. E sempre me disseram que o Escoteiro é Alegre e Sorri nas Dificuldades! Ótimo. Ainda bem que fui e sou do Movimento Escoteiro e claro, não me arrependo.

Esperando a chuva passar, dormitava no banco trazeiro quando ouvi um bando de jovens chegarem à janela. Bateram e perguntaram se precisávamos de ajuda. Assustei-me. Era um local ermo, ainda distante do meu destino e ali parado em uma estrada vicinal sem movimento não podia vacilar. Olhei para o motorista e vi que ele dormia a sono solto. O mundo é pequeno. E põe pequeno nisto. Não é que me deparo com uma bela patrulha sênior, com capas e mochilas as costas, uniformizados, todos com uma simpatia sem igual, sorrindo e esperando uma resposta que não vinha. Abri o vidro e um deles se aproximou oferecendo ajuda. Disseram ter prática em trocar pneus debaixo de chuva.

O taxista disse que só tinha um estepe e não sabia como fazer para arrumar outro. Com dois pneus furados a situação se complicava. Enquanto três trocavam um, o outro mais atrás se ofereceu para ir até ao almoxarifado da mineradora e lá pedir ajuda. Caramba! Do pior para o melhor. Naquele pequeno mundo perdido, encontrei uma patrulha disposta a encarar a dificuldade e com um excelente humor e Espírito Escoteiro. Com aquela chuvarada ali estavam eles, sem mostrar cansaço e com uma disposição em fazer uma boa ação que era surpreendente. Foi assim que conheci a admirável Patrulha Aconcágua, ou melhor, os “Cinco Magníficos” como se intitulavam. Afirmando que não era empáfia ou arrogância por parte deles. Nada disto. Eram sinceros nos seus ideais e se quiséssemos ver a Lei e a Promessa engajada em membros do Movimento Escoteiro ali estava o exemplo mais sadio que tomei conhecimento em toda a minha vida escoteira.

Anotei o endereço do Grupo Escoteiro e o horário das reuniões. Prometi que na primeira oportunidade lá estaria para confraternizarmos e fazê-los cumprir a promessa de me contarem todas as histórias desta patrulha, bem conhecida por muitos outros seniores de outros estados. Antes que esqueça, trouxeram uma picape da mineradora e levaram o último pneu voltando em seguida com ele consertado. Fechei um bom contrato e quando me dei conta os seniores tinham se invadido sem poder agradecer ou mesmo oferecer uma carona para o local que escolhessem.

Comprometi-me que na primeira oportunidade lá estaria em visita ao grupo escoteiro que pertenciam, e não faltaria ocasião para voltar a ver aqueles surpreendentes seniores que conheci de uma maneira singular, pois só ver o tempo chuvoso, a lama na estrada, rapazes sem medo, oferecendo ajuda já daria uma magnífica história que tanto gosto de narrar. Meses após retornei ao Estado que onde conheci os seniores. Tardei para tirar um domingo e com um carro alugado, fui até a cidade deles. Não ficava longe. Cheguei cedo, almocei no hotel onde fiquei e às duas horas parti para a sede do Grupo Escoteiro. Não sabia se lá estariam, poderiam estar em atividade extra-sede.

No caminho vi com surpresa, diversos jovens bem uniformizados, lobinhos, lobinhas, escoteiros e escoteiras e vários seniores e guias se dirigindo ao ponto de reunião. Gostei do que vi. O garbo e boa ordem faziam-se presente. Sabia que o proselitismo e a cidadania eram ponto de honra naquele Grupo Escoteiro. O oitavo artigo que tanto reclamei ali estava evidente nas passadas animadas, rumo a mais um dia de confraternização, aprendizado, adestramento e iriam cultivar a formação de bons cidadãos onde o caráter seria ponto importante.

Um deles me viu e lembrou-se de quando nos encontramos pela primeira vez. Veio sorridente, dando-me um Sempre Alerta, pegando-me pelo braço levando-me até o Chefe do Grupo. Este, jovem ainda, lá pelos seus 29 anos, mostrava estar bem preparado para exercer o cargo que exigia muita responsabilidade. Conversamos bastante. Fiquei sabendo de todo o histórico do Grupo e gostei. Falei também de mim, minha história no movimento desde lobinho, e quando passei para os pioneiros fui obrigado a afastar devido ao serviço militar fora da cidade de origem. No retorno, me saí otimamente em um vestibular e me formei em Engenharia Elétrica. Neste período, ajudava como assistente no meu Grupo de origem. Não entrei muito em detalhes da minha vida profissional e familiar. Nesta história ela não é importante.

Fomos conhecer os demais chefes e suas respectivas sessões. Gostei de tudo e melhor ainda da tropa sênior. Aguardei ali conversando com um e outro o final da reunião. Aconteceu por volta de 18 horas. Toda a patrulha sênior, ou melhor, os cinco magníficos vieram me encontrar. Saudações, abraços e como velhos amigos sentamos na escada que levava a sede já fechada, e ali ficamos horas conversando. Apresentaram-se um a um, rindo e mexendo com os braços, tentando serem modestos, pois sem exceção apresentavam uma naturalidade própria de jovens comedidos e respeitosos. Léo era o mais velho, com 17 estava preocupado pelo convite do Mestre Pioneiro para fazer a ponte. Achava que abandonar sua patrulha agora não estava nos seus planos para este ano. Moreno, alto pela sua idade, meio gordinho, mas com boas musculaturas, era o monitor.

Ned era o sub. Claro que na patrulha não desconheciam a democracia sênior e as eleições determinadas pela Corte de Honra e Leo sempre era reconduzido e Ned permanecia no cargo. Também moreno cor de jambo, tinha aspecto de ser descendente de mameluco. Altura normal, sem ser magro tinha olhos negros e penetrantes. Junior fizera também 16 anos assim como Ned. Bem magro, caladão, mas todos diziam ser o faz tudo na patrulha. Cabelos castanhos cortado rente, Não gostava de falar de si. Max era o mais novo na patrulha. 15 anos, fizera a rota no início do ano anterior. Morava no mesmo bairro e na mesma rua que o Junior. Eram bem mais ligados. Sem considerar que estavam na mesma sala no colégio. Magro também e cabelos loiros, dando a impressão de ter pais nórdicos. E por último, Jan, negro, com uma simpatia radiante, poderia ser considerado o melhor sorriso da patrulha. Com 15 anos, já estava entrando nos 16. Diziam os outros que Jan era o matemático e pesquisador da patrulha. Adorava ficar horas e horas na internet. Não sei por que, sempre tinha uma manta pequena em volta dos ombros.

Gostei deles. A uniformização perfeita. Ainda usavam o caqui curto, mas com boinas verdes, bem posicionadas, estilo força aérea francesa. Ali ficamos conversando horas e horas. Perguntei o porquê estavam debaixo daquele dilúvio, num terreno ruim tomado pela mineradora (explorava minério de ferro e carvão mineral) e não tinha visto nenhuma árvore ou riacho para um bom acampamento. Jan foi quem me contou o porquê. Fazendo uma pesquisa sobre raios para sua escola, encontrou um fato interessante. Dizia-se que se em terreno pedregoso, ou principalmente com minérios ou carvão mineral, se caísse um raio de enormes proporções, no local onde tocaria o solo, havia possibilidade de produzir um pequeno diamante.

Sorri com sua explanação. Até podia ter certa lógica, mas acreditava ser impossível tal fato. Mas deixemos Jan continuar. Comentou com a patrulha e esta achou que poderiam fazer uma expedição até a mineradora, para isto teriam que pesquisar nos institutos de pesquisas e estarem preparados pelo menos 24 horas antes e tentar a sorte onde poderia cair um raio. Ficar acantonado próximo não seria difícil. Pediriam autorização e mostrariam sua intenção de aprender e conhecer melhor uma exploração de minérios. Gostariam de ficar ali por uma noite e garantiram que nada fariam de errado. Feito isto, não podiam programar e tentar a sorte que fosse num sábado ou domingo. Durante meses nada. Foi no carnaval deste ano que descobriram que uma enorme frente fria se aproximava. Diziam os meteorologistas que toda a cidade deveria ficar em alerta. Dito e feito. Ligaram para a mineradora e garantindo já terem em mãos a autorização do diretor.

Em menos de uma hora, já estavam uniformizados e suas mochilas preparadas com ração de dois dias e pequeno material de sapa. Seus pais já conheciam seus arroubos e sabiam que podiam confiar. Autorizar era um fato consumado. Correram até a rodovia que não era longe tentando carona. Conseguiram com um caminhoneiro que conduzia uma cegonha vazia. Até a entrada da mineradora não era mais que 80 quilômetros. Chegaram já à tardinha e acantonaram em uma casa de madeira, a beira de uma cratera que estava abandonada e agora era esperar. Na segunda choveu a cântaros, mas sem raio. A chuva cessou à tarde. Na terça uma enorme nuvem negra, não havia vento. Trovões se ouviam ao longe e se aproximavam de onde estavam. Era mais ou menos 19 horas. Colocaram suas capas e correram para a beira da cratera, ali permanecendo. Tinham um binóculo militar, com visão noturna.

Não demorou nem 30 minutos e um raio enorme aclarou todo o vale. Ned estava com o binóculo. Garantiu que viu onde ele tinha caído. Corremos ao local. Foi difícil chegar lá. Muito buraco, a estradinha de descida péssima. Levamos pelo menos 40 minutos. Decepção! - não encontramos nada apesar de vasculharmos centímetros por centímetros. Paciência valeu à tentativa disseram. No dia seguinte a chuva não parou. Como temos experiência de jornada com chuvas retornamos e eis que os encontramos parado e com os pneus furados. Temos sempre como meta, em qualquer acampamento, excursão, ou seja, em qualquer atividade ao ar livre fazer uma boa ação, que é sempre anotada em nosso Livro de Ouro. Ali temos mais de 50 páginas já escrita. Contavam sem afetação. Conheço muitas tropas seniores, um sem numero de seniores e tive a oportunidade de trocar idéias, conhecer suas belas

histórias. Ali estavam exemplares do que se espera dos seniores. Planejam, montam, organizam e fazem suas grandes atividades aventureiras.

Sem falsa modéstia, todos eles garantiram ter mais de 100 noites de acampamentos e excursões noturnas. Participaram de um sem número de aventuras seniores em nível regional e nacional. Foram todos eles ao último Jamboree no Chile. Olhei no relógio e vi que passava de 22 horas. Ficaram preocupados, nos despedimos e fiquei de voltar novamente no mês seguinte. Sorriam e disseram que tinham muita coisa para contar. Se viesse mesmo, iriam conhecer uma fenomenal. O Castelo medieval e a espada samurai. Franzi a testa tentando compreender.

Sorriam me deram sempre alerta e partiram. Fiquei surpreso. O que seria? Agora era esperar o mês que vem. Sabia que a reunião dos gerentes da empresa seria ali realizada naquela data.

Vamos aguardar. Tinha certeza que a patrulha Aconcágua tinha muita coisa para contar.

*"O maravilhoso da fantasia é nossa capacidade de torná-la realidade."  
Anônimo.*

### Os cinco Magníficos

Historia de hoje: O Castelo Medieval e a famosa espada samurai.

*"Preste atenção ao que está fazendo, o ontem já lhe fugiu das mãos, o amanhã ainda não chegou."  
Anônimo.*

### Capítulo II

Aconteceu a reunião que tinha previsto. O Presidente da Empresa não deu folga no primeiro dia. No segundo também não. Começávamos o Seminário pela manhã e terminava sempre à noite, após 21 horas. Dalí ia direto para a cama. Se continuasse assim, todos os quatro dias seriam tomados com reuniões e reuniões. No quarto dia, era uma quinta feira. Fomos até 23 horas e todos se despediram. Havia liberdade de permanecermos no hotel até domingo à tarde e assim devíamos remarcar nossas passagens aéreas. Telefonei e marquei a minha para domingo às 18 horas. Eram somente três horas de viagem e chegaria sem problemas na mesma noite.

Na sexta me dei uma folga para compras e no sábado pela manhã aluguei um carro não pensando duas vezes no que iria fazer. Claro. Visitar aqueles seniores, ou melhor, dizendo os "Cinco Magníficos", pois estavam me devendo boas histórias. Acredito que não contei para vocês. Desempenho como neófito amador e já me considerava um anódino na função de um pseudo "Escritor". Escrevia artigos sobre o Movimento Escoteiro e agora um livro sobre histórias vividas pelos nossos jovens

praticantes. Considerava algum inédito e totalmente diferente dos escritos até então.

Como vivi poucas aventuras quando escoteiro e sênior eu me deliciava quando ouvia dos jovens, suas histórias contadas com simplicidade e emoção. Assim durante minha viagem de duas horas, meus pensamentos deram vazão às dúvidas e o que podia ser o tal castelo que me contaram. Cheguei rápido, almocei, já trajava o meu uniforme, e lá pelas 15 horas estava na porta da sede minha velha conhecida se assim posso dizer. Cumprimentos, lembranças, abraços e desta vez fui convidado pelo chefe Sênior para colaborar com ele no desenvolvimento da reunião que se passaria naquele sábado.

Estava exultante por encontrá-los em reunião. Duas alcatéias cumprindo o programa estavam fazendo um acantonamento. A tropa das escoteiras fora até outro grupo conforme confraternização programada pelo distrito. Foi uma reunião simples. Mais voltado para o adestramento de escaladas. Foi dividida em três partes: Quais os materiais necessários, Como usá-los e guardá-los e técnicas de escaladas. Vi que o Chefe Sênior era um perfeito conhecedor do assunto. Soube posteriormente que escalara o Pico do Aconcágua, nome da patrulha dos “Cinco Magníficos”. Eu, no entanto era um autêntico pata-tenra.

A reunião foi desenvolvida em um parque próximo onde havia um enorme paredão de pedra, bem íngreme e deu para que os seniores pudessem ter uma idéia bastante razoável de uma escalada. Durou exatamente três horas. Às 18 em ponto estavam todos os presentes na cerimônia de Bandeira, com a participação de todo o Grupo Escoteiro. Sempre Alerta, debandar e lá estavam os seniores em minha volta, me abraçando e vi que as outras patrulhas de aproximaram. (eram um total de três patrulhas de cinco e seis seniores em cada uma). Bastante simpáticos todos eles, mas aos poucos saíram ficando somente eu e os “Cinco Magníficos”, como sempre arranchados na escada da sede.

Convidei-os para irem até uma pequena lanchonete, onde havia mesas na entrada e lá ficaríamos mais a vontade. Aceitaram. No caminho fiquei sabendo que o Léo recebera uma flechada. Não entendi! Disse. Cupido chefe foi flechado! Agora pouco participa durante a semana conosco. Fica sempre ao lado de sua amada e esqueceu os amigos! Leo estava vermelho e gaguejando disse que estavam enganados. Ele já tinha explicado e nunca, de maneira nenhuma iria abandonar a patrulha. Afinal era ponto de honra os cinco sempre juntos. Claro, ele gostava da jovem, achava que era um amor diferente, mas a patrulha vinha em primeiro lugar.

Lembrei-me de mim no passado. Bem esta não é minha história. Pedimos refrigerantes e mistos quentes para todos. A conversa estava animada. Haveria no mês seguinte uma viagem até a Serra do Altaneiro e iriam todos os seniores principiarem na senda da escalada. Tinham feito algumas agora, no entanto sabiam onde o “sapato iria apertar”. Convidaram-me e recusei polidamente. Estaria em viagem ao extremo sul do país e dificilmente chegaria a tempo. Conversa vai

conversa vem, lembrei a eles a tal aventura do castelo. Entrelharam-se e ficaram silenciosos. Pensei comigo o que estaria havendo.

Jan, o contador de histórias de patrulha começou a narrar. Antes Ned me pediu que mantivesse segredo. Assim como eu, ninguém acreditaria na história, mas como não eram fanfarrões e nem gostavam de carapetas, preferiram manter segredo do ocorrido. Se tornasse público, iriam servir de caçoada e toda a credibilidade da patrulha iria para o brejo. Reafirmei minha discrição e que nunca em tempo algum nada diria. No entanto comentei sobre meu livro e lá as histórias eram adaptadas e os nomes trocados nunca eram citados. Concordaram e Jan deu continuidade à história.

No ano anterior, meados de agosto, ele mesmo descobriu na página da internet um tema que chamou atenção dele e da patrulha. Era comum suas pesquisas em diversos sites e aqueles mais estrambóticos tinham sua preferência. Sempre descobria algum para servir de idéias nos acampamentos, assim como é claro, do diamante que não existiu (deram risadas) e outros que serão mencionados numa próxima vez.

Leu num site de Óvnis, que em um determinado dia, precisamente às 15 horas, vinte minutos e oito segundos, uma atividade temporal seria formada com a conjunção de oito planetas, todos em sintonia com o “XB14A\* (nome dado pela NASA, num hipotético planeta que se aproximava da terra) no paralelo 12, que se espalharia com força centrífuga num raio de dez metros.

Todo aquele que estivesse no seu raio, e isto se daria na pedra do anão (ficava a 120 quilômetros de distancia) no horário determinado do dia 22 de agosto às 15 horas, vinte minutos e oito segundos, seria tele-transportado através do tempo durante doze horas quando automaticamente se faria o retorno. O site não explicava se era para o passado ou para o futuro. Contei a todos e deram boas risadas da “papagaiada” da história. Mas infelizmente, o tema ficou martelando na cabeça de cada um. No sábado seguinte, já no final da reunião, Junior e Max comentaram a troca de informações com outros internautas e eles confirmaram. Pronto. A idéia estava lançada. Agora faltava a preparação e depois a ação.

E se fosse verdade? Seria a viagem do século! Se pudessem fotografar e filmar seria a prova definitiva. No entanto teriam que manter o mais alto segredo. Seriam uma zombaria e gozação que iria perdurar por muito tempo no grupo Escoteiro. Assim foi feito. Preparamos tudo. Um dia antes partimos em ônibus de carreira para a Pedra do Anão. 22 de agosto seria em um sábado. Estávamos em período escolar e assim viajamos à tarde de sexta e regressaríamos no domingo. Para a tropa sênior dissemos que iríamos acampar no Rio Prateado, velho conhecido de todos. Claro que a Corte de Honra aprovou assim como os chefes seniores. Mesmo nada acontecendo, a Pedra do Anão era excelente para passarem algumas noites.

Santa Rosa era um povoado de menos de 2.000 habitantes. Quando descemos do ônibus todos vieram às janelas para nos verem. Sorrindo cumprimentamos a todos e fomos em frente. Até a Pedra do Anão seria pelo menos 20 quilômetros e agora a



jornada seria feita na Empresa de Transporte “Vulcabrás (Celebre marca de sapato do passado)”. Lá pelas onze da noite chegamos. Armamos à barraca próximo a pedra e dormimos a sono solto. Todos nós não tínhamos problemas para dormir. Era só encostarmos-nos a uma árvore, deitar na grama ou em pedregulhos que o sono para nós era reparador.

O sábado amanheceu lindo. Um sol sem nuvens, Junior fez um café suculento com ovos mexidos bacon e pães amanteigados fritos, o que comemos com fartura. Não pretendíamos fazer almoço. Aspirávamos a partir de 13 horas nos aboletar na Pedra do Anão e após as 15 horas, vinte minutos e oito segundos se nada acontecesse daríamos belas gargalhadas e nosso destino seria uma majestosa cachoeira que vimos na estrada.

Um belo banho, uns bons mergulhos, boas risadas, boas lembranças seria tudo que nos lembrariamos da tal viagem temporal no tempo. O impossível aconteceu. Passado dois minutos do horário, já íamos levantar quando uma nuvem envolta em um redemoinho imenso nos alcançou. Girando como um peão gigantesco, nada vimos ou sentimos. Em questão de segundos estávamos todos os cinco, deitados em uma grama verde, próximo a uma imensa árvore frondosa. O dia era sem sol, cinzento e fazia frio sem chegar ao extremo.

Ficamos em pé e surpresos vimos um jovem de uns 17 anos descer rápido da árvore e ligeiro se pôs a correr morro abaixo. Max foi até o pé da árvore e olhando para cima avistou o que seria uma grande faca ou quem sabe uma espada. Ele mesmo aboletou árvore acima e com surpresa viu uma enorme espada amarrada em um galho à grande altitude do chão. Dalí pouco poderiam ver os passantes. Desamarrou-a com dificuldade, pois as cordas eram feitas de couro trançado e difíceis de manuseio. Devagar deixou-a cair até o chão e para nossa surpresa era uma bela espada, de aproximadamente 1 metro de setenta, com cabo de osso branco de leopardo, tendo encravado em algumas partes pedras preciosas que não soubemos deduzir e desconhecíamos tal arte.

Leo tentou levantar a espada e viu que seu peso era enorme. Mal conseguiu com as duas mãos. Neste ínterim, Junior chamou a atenção de todos, pois tinha avistado no vale abaixo, um enorme castelo. Além dele, um rio bem largo, que serpenteava entre vales e algumas pequenas florestas em sua volta. Ficaram ali aturdidos com tudo aquilo, e não faziam à mínima idéia onde estavam. Foi Jan o mais estudioso que sugeriu ser um Castelo Francês. Disse que tinha visto uma enorme foto de um tal Castelo de Chambord, que ficava em Loir-et-Cher na França. Estilo Renascentista tinha formas medievais e ficava as margens do rio Loire.

Tudo levava a crer que poderia ser real e pela falta de estradas e movimento aéreo, deviam estar de volta aos anos de 1519 data da construção ou então próximo ao século XVII onde foi freqüentemente usado pelo Imperador Carlos V. Depois disto vários outros Imperadores, inclusive convidados ilustres de outros países o utilizaram. Pelo sim ou pelo não, o melhor era ir até Lá. Leo levava a espada às costas, tipo carregar machados grandes tão habilmente transportados pelos escoteiros. Foi uma

boa descida. Entraram em uma pequena estrada forrada de pedras, que mal dava passagem a uma carruagem ou dois cavalos.

Eu os ouvia com atenção. Se aquilo fosse uma armação era muito bem feita e engendrada. Dariam grandes atores no futuro. Mas a história prometia e nada melhor que esperar seu final para então dar um veredito de culpabilidade ou inocência dos “Cinco Magníficos”.

Não deixes que a tua fantasia seja guiada pelos teus olhos, nem deixes que teu querer seja formado pela tua fantasia> deixa teu entendimento conter-se entre teus olhos e tua fantasia.

F. Quarles

### Capitulo III

Jan era um esplêndido contador de histórias. Sabia como narrar, usava todo o seu corpo, sua expressão, seus cinco sentidos no início e no prelúdio de cada frase e no contexto geral. Eu também me prendia a narrativa. Claro, já tinha lido algum parecido e quem sabe já sabia do término, pois não era uma história nova. Mas a aventura dos seniores se tivesse (e quem sabe foi) sido real, seria extraordinária. Jan continuou enquanto os demais também reviviam a história, prestando atenção, completando aqui e ali alguma falha. Vamos dar seqüência ao que dizia o narrador.

Avistaram próximo ao Castelo, várias casas feitas de adobe e cobertas por folhas de capim seco, tendo várias crianças correndo aqui e ali e uns poucos aldeões em pé ou sentados a meditar ou conversando pausadamente entre si. Pararam surpresos quando o viram, mais ainda quando se aproximou um grupo de cavaleiros que pelos uniformes só podiam ser soldados do castelo. Eles ficaram receosos com aproximação belicosa daqueles burlescos personagens.

Aproximaram deles e um falou em uma língua que nada entenderam. Desceu do cavalo e tomou a um só pulso a espada de Leo, empurrando-o para o chão. Logo os demais amarraram as mãos de todos e os fizeram marchar rumo ao portão de entrada. Ninguém mais falou. Os “Cinco Magníficos” eram agora os “Cinco Medrosos”.

Entraram no castelo e ficaram abismados com o que viram. Uma enorme escadaria em dupla-hélice, iluminação em cima por uma espécie de farol. Devia ter mais de 128 metros de fachadas e depois ficaram sabendo que o Castelo possuía mais de 800 colunas esculpidas e um telhado elaboradamente decorado. Dizia os historiadores que o palácio raramente estava habitado. Servia mais para curtas visitas. Tinha enormes e massivas salas, janelas abertas e tetos altos, impossíveis de bom aquecimento naquela região fria. Diziam ainda que para trazer os alimentos necessários ao alojamento de uma corte, precisariam de mais de 2.000 pessoas no transporte. Além do pavilhão de caça, tinham uma cavalaria para mais de 300 cavalos.

Isto tudo ficamos sabendo depois. Logo que nos aproximamos da enorme escadaria, um homem bem vestido, que identificamos ser natural do Japão se aproximou correndo e logo se apoderou da espada. Em seguida nos levaram a presença do que julgamos ser o Senhor do Castelo. Nunca ficamos sabendo seu nome. Sempre falando em francês parecia ser compreensivo e mais educado, pois se tratavam de cinco rapazes com uniformes estranhos e precisavam saber quem éramos. Como não obtinha respostas e só falávamos em português além do mais gaguejando, ele nada entendia.

Foi então que Ned arriscou seu inglês mais americanizado. Se entreolharam e um deles se aproximou respondendo em inglês. Agora poderíamos explicar. Queriam saber por que tínhamos roubado a espada samurai do Senhor Feudal Kajimoto natural do Japão, convidado especial do Imperador Carlos V. Disseram que estávamos infringindo leis severas contra roubos e principalmente com um convidado tão ilustre. O furto de sua espada nunca seria perdoado e de acordo com a lei francesa, seria punida com a morte na guilhotina. Agora é que estavam embananados. Muitos de nós levamos as mãos até o pescoço.

Ned afirmou que estavam enganados. Estavam ali a passeio (não soube explicar de onde eram) e viram um jovem esconder a Espada em uma árvore. Como ele fugiu, pegaram a espada e vieram ter ao Castelo. Seria um disparate roubar a espada e voltar ao castelo. O Senhor do Castelo sorriu com a explicação e com a resposta. Mas logo o tal do Kajimoto, que parecia muito influente falou uma torrente de palavras, totalmente inteligíveis, mas pela sua expressão entendíamos que queria punição sem piedade. Amaldiçoado Japona. Queria ver a todo custo arrancado nosso couro cabeludo. Ou melhor, nossas cabeças do corpo.

Levaram-nos para cima do castelo, onde havia uma enorme masmorra, toda feita de pedra, com uma pequena janelinha e nos empurraram nos jogando ao chão e fechando a grande grade daquela infernal prisão. Sentamos em um canto, sem nenhuma idéia, sem nenhum pensamento, sem nenhuma ação dos “Cinco Magníficos”. Estávamos “fritos” se querem saber, disse Jan. Nem bem passou uma hora e ouviram passos. Viram com surpresa o jovem que pulou da árvore, o provável ladrão da espada samurai e atrás uma mocinha de seus 15 anos, com uma beleza que deixou a todos abestalhados. Era linda demais. Se naquela época existem beleza assim, era melhor ficarem por ali e não voltarem mais ao presente.

Falando em francês o que não entendiam nada, levou os dedos aos lábios pedido silêncio. Abriu a porta e pediu que a seguissemos. Assim foi feito. Passamos por escadas íngremes, portas abrindo à leve toque, tuneis intermináveis, até que chegamos fora do castelo, distantes uns quinhentos metros.

O jovem, que falava um pouco de inglês nos disse que o pai da jovem havia prometido ela em casamento com o Sr. Kajimoto e ele iria levá-la para o Japão, onde tinha um Castelo Medieval fortificado, próximo a Kyoto e era riquíssimo, pois vivia da cobrança de impostos e taxas dos servos. Fazia leis e aplicava-as em seu domínio.

Invadia militarmente os feudos de outros nobres e assim aumentava a sua riqueza e a conquista de terras.

Como a guerra era uma atividade comum naquela época, à França o convidou para uma visita e nada melhor que unir famílias evitando uma contenda desnecessária no futuro. Ainda não conheciam bem a força do inimigo acharam uma solução para em anos próximos invadirem o Japão e aumentarem a riqueza francesa. (nem o famoso General e auto intitulado Imperador Napoleão Bonaparte pensou em algum assim.).

Os dois se amavam e ela pensou em um plano simples que poderia dar resultado com o roubo de sua estimada Espada Samurai e assim sua volta ao Japão sem levar uma esposa. Parece que tudo daria certo se não aparecêssemos de surpresa onde ele escondia a espada furtada. Não achavam que tínhamos culpa e assim planejaram nossa fuga, agora era conosco. Disseram adeus e partiram. Ficamos empacados, sem saber o que fazer. Um pequeno Conselho de Patrulha e nenhuma idéia ou sugestão. Para onde ir? Ir aonde? Não tinham a mínima idéia onde estavam, e pelos seus cálculos se passariam pelo menos quatro horas antes do retorno, isto é claro se fosse verdade o tal site.

Como o Castelo estava ao sul (nos orientamos pelo sol, ralo, mas que dava para sentir onde estava) o melhor era ir para o norte. Assim foi feito, e para apressar nossa jornada, combinamos de fazer o passo escoteiro por duas horas. Assim poderíamos percorrer pelo menos 18 quilômetros sem nos cansarmos. Já estávamos a caminho por uma hora quando avistamos uma nuvem de poeira a nossa frente. Saímos da pequena estrada e logo passou por nós um numero razoável de cavaleiros, e pelo semblante deviam ser japoneses. Bem feito. Agora o pau vai quebrar na casa de “Noka”, ou melhor, no tal Castelo de Chambord.

Continuamos e vimos uma pequena estalagem, deduzimos que só podia ser devido a uma taboa de madeira pendurada em um poste onde se lia “Le Figarô” o que seria não sabíamos e nem queríamos saber. Estávamos com fome, sede não, pois passamos por diversos regatos com águas límpidas e sempre mantínhamos nossos cantis cheios.

Parar era bobagem, a pista seria conhecida daí em diante. Mas precisávamos saber aonde íamos e como esconder dos guardas do castelo. Apareceu na porta um homem de uns 80 anos, cabelos brancos e poderíamos jurar que se estivesse de uniforme, seria Baden Powell sem tirar e nem por. Igualzinho! Sorriu para nós e em um belo e limpo português, nos convidou a entrar. Piscou com os olhos para todos e subiu conosco ao segundo andar, onde havia uma mesa, seis cadeiras e duas camas. Mandou aguardar e logo veio um jovem com uma excelente galinha caipira, tostada e em sua volta tomates cortados e um terrina de arroz ainda saindo fumaça.

Olhei para o Leo e perguntei se estávamos sonhando. Ele me disse que não, pois tinha pensado a mesma coisa. Comemos feito loucos. A fome é avarenta e não escolhe hora e lugar. Comemos até não agüentar mais. O sono velho chegou. Combinamos uma guarda de hora em hora. Max era o primeiro e eu o último. Acordamos todos com o Ned dizendo que faltava menos de dez minutos para o nosso

retorno ao presente. Aguardamos ali ansiosos. Deu a hora, nada, 5 minutos nada, 10 minutos nada. O desespero apareceu. Ficar ali para sempre! Rezamos pedindo a Deus que não deixasse acontecer.

Um redemoinho gigante apareceu. Entramos em parafuso. Acordamos na Pedra do Anão já escuro. Gritamos de alegria. Vimos nossas barracas armadas. Foi uma festa. Escapamos por pouco. O final você já sabe, disse Jan. Voltamos alegres, felizes e cantando poemas escoteiros que vivenciam belas aventuras. O que teria sido feito do Jovem que nos salvou? E da jovem será que obrigaram-na ainda a se casar? Mas que carranca tinha o tal do Senhor Feudal do Japão. Para um samurai ele parecia mais um coisa ruim.

Perguntei ao Max o que ele achou do estalajadeiro. Falando português e tudo. Seria um sonho nosso? Ou seria o espírito de BP? Ninguém tinha respostas. Infelizmente nossos celulares que poderíamos ter filmado ou ter fotografado não funcionaram naquela época. Porque não sabemos. Não temos provas, só nossa palavra, mas nos comprometemos a não contar para ninguém. Não iam acreditar e seríamos ridicularizados. Fiquei ali pasmado com a narrativa. Tinha fundamento. Tinha contorno, tinha presença, mas poderia ter sido montada anteriormente e compraram a idéia falsa como verdadeira.

No entanto qual o objetivo de uma história sem embasamento, sem procedência real por parte de cinco seniores que se mostravam cordiais, amigos, irmãos e claro com plena ciência das Leis Escoteiras? É difícil aceitar como verdadeira, mas também difícil desmentir o relato. Seja como for, em sonho ou em realidade foi uma aventura sem igual. Passaram por situações incríveis. Poderiam ter morrido e a fuga não foi cinematográfica, pois não havia ali bandidos e mocinhos.

Sorrimos todos, pedi uma nova rodada de refrigerantes e todos aceitaram novos lanches desta vez a escolha de cada um. Ficaram satisfeitos com o relato. Sorriam entre si na confiança que depus em todos eles. Prometeram-me que quando voltasse me contariam novas histórias novas aventuras. Desta vez me aguçaram a mente quando comentaram sobre a Mansão do Duende Cor de Rosa. “Caramba” mais uma? Agora um duende? Enfim que assim seja. Mais uma para o meu livro tão necessitado de tantas aventuras e de tantas histórias que só os escoteiros sabem contar.

Nos despedimos prometendo um breve encontro. Cada um foi para o seu lado, ao seguir o meu, deparei com um velhinho dos seus possíveis oitenta e quatro anos, sorridente, encostado em um poste me olhando e me dando uma piscadela. Poderia jurar que era o sócio de Baden Powell. Deus do Céu! Até eu? Até eu?

E quem quiser que conte outra...

\* Não leve a vida tão a sério. Afinal, você não vai sair vivo dela mesmo!

## História II

Historia de hoje: A Mansão do Duende cor de Rosa

"Nossas dúvidas são traidoras e nos fazem perder o bem que às vezes poderíamos ganhar pelo medo de tentar."

Shakespeare.

### Capítulo I

Estava cansado de ficar parado no aeroporto. Para dizer a verdade cheguei às 08 da manhã para um vôo às 09 e já eram mais de 14 horas e nada. Sempre a mesma desculpa. Aeronave de conexão atrasada no norte. Partida será impreterivelmente às 15 horas. Isto aconteceu desde a manhã. Novo horário de partida e nada. Uma coisa que o escotismo me ensinou é não perder a calma. Quem a perde também perde a razão. Se não tinha o vôo meus clamores nada resolveriam. Tinha telefonado para a filial do norte explicando o acontecido. A reunião com a empresa que fecharíamos um contrato foi avisada e compreenderam perfeitamente.

Já passavam mais de quatro meses que não voltava àquela cidade. Duas coisas me prendiam o retorno. O excelente contrato com uma gorda comissão e claro, rever aqueles rapazes que me impressionaram tanto que as lembranças continuavam vivas em meu cérebro. Estou falando dos "Cinco Magníficos". Aquela narrativa do Castelo e a Espada Samurai me deixaram intrigado. Não vou acreditando em tudo que ouço. Sou meio São Tomé. Ver para crer. Mas se vocês conhecessem a Patrulha Aconcágua, veriam jovens de caráter e se estivessem mentindo seriam os mais perfeitos atores que já conheci.

Agora estava de volta. Neste meio tempo voei para várias outras cidades e sempre nas folgas não deixava de visitar Grupos Escoteiros existentes. Era comum ficar pesquisando via internet para obter endereços de Grupos Escoteiros, e com eles mais me confraternizava e divertia que ficar zanzando em shopping ou cinemas. Não era o meu forte. Acredito que poucos escotistas conseguiram conquistar uma gama de amigos escoteiros de norte a sul do país como eu. Creio mesmo que sou um dos poucos que conhece a plena realidade do Movimento Escoteiro praticada por todos eles. Mas isto é outra história. Contada quem sabe em outro local.

Não esquecia e sempre, as lembranças de minha esposa e de minha filha eram marcantes. Sempre conversava com elas pela internet e ríamos a valer com as peripécias da minha "guria" na escola. As professoras adoravam suas maneiras. Com apenas quatro anos, fazia ares de mocinha de 15 a 16. Isto encantava pela sua sagacidade e maneiras inocentes. Mas não estou aqui agora a narrar sobre meus

amores (não se esqueçam, minha esposa e minha filha) e sim a continuar a saga daqueles seniores que um dia me marcaram para sempre. Olhe que como já disse, conheço um sem números de seniores, guias, escoteiras e escoteiros. Igual a eles não. Ninguém sabe o dia de amanhã. Quem sabe um dia vou conhecer.

Depois de muita labuta, consegui um vôo já à noitinha e com menos de 2 horas e meia cheguei meio cansado e sonolento a cidade de destino. Ao tentar um taxi vi um jovem simpático de menos de 30 anos me acenando. Fui até ele e me ofereceu um “alternativo” bem mais barato. Ou seja, um taxi sem autorização de transportar passageiros no aeroporto. Não tenho este costume. Gosto das coisas legais. Nada de quebra galho. No entanto ele foi tão hospitaleiro e com uma simpatia radiante que aceitei. Explicou que fez uma corrida perto dali e não queria voltar vazio. Na viagem até o centro contou as novidades, e me perguntou se havia lido sobre os dois chefes escoteiros que enfrentaram uma quadrilha de ladrões em um Shopping.

Foi surpresa. - Não respondi, pois nada sabia. Por quê? Perguntei. - Ele sorridente respondeu que era um deles. O outro um seu amigo. Estavam após a reunião de tropa sentados na praça de alimentação, esperando suas namoradas (ambas guias, uma de 16 outra de 17 anos) e viram uma correria dentro dos corredores. Levantaram-se e viram dois homens trajados com coletes da policia civil, atirando em um dos seguranças do shopping. Ao passar perto deles, deram uma rasteira em um e o meu amigo jogou uma cadeira em outro. Junto com outros seguranças eles foram dominados.

Caramba! Pensei. Um risco enorme. E ele ficou ali, dirigindo, rindo e relatando como se fosse um filme de mocinhos e bandidos. Como também sou escoteiro e milito no movimento ha mais de 15 anos, achei uma atitude meio insensata. Não disse isto para ele, mas acredito que poderia correr um serio risco de vingança, quando ambos os bandidos forem soltos. Mas ao mesmo tempo, raciocinei que se alguém não se prestasse a tal tipo de ação, seriamos um bando de covardes, deixando a sociedade a mercê de tais marginais. Pelo sim e pelo não, fiquei calado e não fiz nenhum comentário.

Ele era um jovem falante e mostrava ser novo no escotismo. Disse que fizera três anos que tinha entrado e agora não sairia nunca mais. O escotismo tornou-se sua segunda vida. Amava tudo que existia nele. Encontrou amigos sinceros e leais e agora tinha encontrado sua alma gêmea. Chegamos ao hotel, agradeci, peguei o endereço do Grupo e prometi uma visita tão logo pudesse. Ele tomou posição de sentido e com um grande sorriso disse: Sempre Alerta! Meu novo amigo escoteiro. Respondi sorrindo. Tomei uma ducha e liguei para a filial. Estava marcado nova reunião no dia seguinte às 09 horas.

Tudo transcorreu naturalmente e tínhamos um novo contrato naquela cidade. Era quinta feira e resolvi passar ali o fim de semana. Afinal a cidade dos meus amigos seniores não era mais que 150 quilômetros a nordeste. Fui para lá na sexta à noite com um carro alugado. Foi bastante emotivo o nosso reencontro. Já conhecia boa parte dos escotistas do grupo e um sem numero de seniores e escoteiros. Os Cinco

Magníficos continuavam os mesmos. O mesmo sorriso, a mesma aparência e uma união de fazer inveja. Mal terminou a reunião e lá fomos nós para o barzinho conhecido, uma rodada de refrigerantes, um telefonema de cada um para suas casas avisando onde estavam e no mais tardar 10 ou 11 da noite estariam de retorno.

Ali estava o Ned, o Leo, o Jan, o Junior e o Max. Todos com o mesmo semblante. Seria muita pretensão que em quatro meses quando nos vimos pela última vez tivessem modificado a fisionomia. Ninguém cresce ou muda neste tempo. Perguntei como foi à escalada no na Serra do Altaneiro e me disseram que fora simplesmente espetacular. - Olhe Chefe - Dizia o Ned - Nosso grupo foi com três patrulhas. Mais dois grupos souberam da atividade e se convidaram. No final éramos oito patrulhas seniores. Duas patrulhas eram mistas. Cinco garotas estavam lá, a fazer o que só homens deviam fazer.

Leo interrompeu - Não Ned, conte a verdade. Elas deram um verdadeiro show. Escalaram em menor tempo, sem arranhão, e sempre mantiveram o clima de amizade e olhe, eram bastante humildes pelo que faziam melhor que nós. - Ban! Disse o Ned - Ainda acho que cada um deve procurar o seu lugar. - Você ficou chateado porque sua namorada não gostou e recebeu a maior bronca! - disse o Junior. - Nada disto. Ela compreendeu perfeitamente. É minha opinião pessoal. - O que não é compartilhada pelos outros da patrulha - disse o Jan. - Bem, chega de uma discussão que não leva a nada. As guias são uma realidade e queira ou não muitas tropas seniores serão mistas amanhã ou depois. Disse o Leo. Não a nossa disse o Max.

Jan tomou a palavra. Comentou que mesmo recebendo um aprendizado na sede, a patrulha não foi bem. Conversamos depois e as opiniões divergiram. Mas pelo menos temos uma noção bem maior de escalada que hoje. Perguntaram onde andei o que fiz e como estava o meu Grupo Escoteiro. Como neste período só fiquei cinco sábados em minha cidade, nada havia de novo para comentar. Comentei sobre o Acampamento Nacional de Patrulhas e se eles iriam. Claro disseram. Temos muitos amigos espalhados pelo país e aumentar o número é sempre bom. Ali a diversão era sempre agradável. Soube do acidente do Chefe Escoteiro hoje de manhã? Foi aquele que ajudou a prender bandidos em um Shopping - falou o Jan. - Caramba! Tremenda coincidência. Viajei com ele do aeroporto até o hotel quinta feira quando cheguei. Como está? Como foi? Jan respondeu que nada bem.

Uma menina de três anos escapuliu da mão de sua mãe e correu para a rua. Ele vinha em seu taxi e quando viu jogou o carro em cima de um poste. A menina não teve nada e ele está na UTI em observação, mas sem perigo de morte. O passageiro que estava com ele nada sofreu. Graças a Deus. Quando retornar vou visitá-lo, disse. Foi muito simpático e prestativo. Espero que recupere logo. Jan era o mais palrador. Contava tudo que vinha a sua cabeça. De um assunto saltava para outro. Logo estava comentando que o Leo e o Ned conseguiram um emprego. Agora eram trabalhadores brasileiros. Cheios da grana. Riu a valer da sua piada. A patrulha acompanhou. Mas olhe Chefe quando foram formalizar a admissão, logo foram dispensados. Nem começaram e foram demitidos. Por quê? Perguntei. Exigiram que aos sábados e domingos, além de feriados não trabalhassem.



Disseram que eram Escoteiros Seniores e tinham reuniões aos sábados, e sempre aos domingos e feriados eram dias de atividades extra sede. Não podiam faltar. Pelo sim e pelo não, a moça do Depto Pessoal não gostou. O horário e dias de trabalho estão no contrato. Não haveria mudanças. Se quisessem bem, caso contrário havia outros interessados. A patrulha caiu na gargalhada! - Leo e Ned não gostaram. Não é bem assim chefe, disse o Leo. O horário era de 14 às 22 horas com folga no meio da semana. No colégio não havia horário pela manhã. Conversei com meu pai e aconselhou a esperar. Ainda devia estudar mais e quem sabe após os 18 anos eu tentaria alguma área específica do curso técnico que estava fazendo.

O bate-papo continuou alegre e descontraído. No entanto vi que as horas passavam rápidas e não querendo perder mais uma historia fantástica perguntei ao Jan sobre a tal Mansão do Duende cor de Rosa. O que se tratava e como foi. Todos ficaram calados! Mudos. Entreolharam-se. Não entendi. Aqueles minutos de silencio não me deram nenhuma pista do que se tratava. Acreditei que apagaram a historia que me prometeram contar e agora os cinco ficaram estáticos. Transformaram-se em estátuas. Parecia que estava vendo um filme mudo em uma poltrona de um cinema, esperando o complemento, o inicio e o fim da história e nada.

Voltei a olhar para eles. Ainda estavam calados. Tudo bem, disse - Se acham que não devo saber nada a respeito, entendo perfeitamente. - Jan replicou educadamente - Não Chefe, não se trata disto. É que se o Senhor envolver-se nesta história, quem sabe poderá levar resíduos para sua cidade, e seu sono e sonhos poderão ter surpresas desagradáveis! E agora? Estavam me colocando de encontro à parede. O que aqueles seniores fizeram e sabiam que não podiam contar? Que terrível segredo seria a tal mansão? Quem seria o Duende? E porque cor de rosa? Permaneci mudo e sem saber o que dizer.

### Os cinco Magníficos

"Se você rouba ideias de um autor, é plágio. Se você rouba de muitos autores, é pesquisa."

(Wilson Mizner)

### Capitulo II

Esquecemos-nos do horário. Passava das dez da noite, aproximando das onze. Não dava para continuar. Eram jovens, tinham horários e naquela noite não saberia nada da historia da Mansão. Junior foi quem me convidou para almoçar em sua casa, e após o almoço poderíamos todos conversar tranquilamente na varanda de sua casa. Não costumo aceitar tais convites partindo de jovens. Mas ele me garantiu que não haveria problema. Sua mãe era Akelá e seu pai um dos diretores do grupo. Consultou os demais e todos concordaram. Inclusive Ned. Isto porque sua cara metade o esperava para um cineminha.

E porque você não vai? - perguntei. Não, respondeu. Não quero perder a narrativa da história e gostaria de ver se vai acontecer a tal maldição que eles nos disseram. Maldição? Perguntei. - Não se preocupe chefe, acreditamos que foi só um susto para não voltarmos mais lá - Disse Ned. Comecei a ficar preocupado. Afinal se não estavam brincando pelo menos estavam me assustando. Despedimo-nos e fui para o hotel não antes de anotar o endereço do Junior. Ele me deu o telefone e fiquei de ligar antes de sair. Não vi nenhum sorriso, nenhum assovio entre eles, nada que pudesse demonstrar que tentavam me amedrontar.

Dormi o sono dos justos. Nem me lembrei da tal maldição, da mansão de nada. Estava muito cansado, pois a semana para mim foi muito corrida. Acordei tarde. Vi que passavam das nove da manhã. Tomei um banho, coloquei uma roupa esporte e antes de sair liguei para a casa do Junior. A mãe dele, muito educada atendeu e disse que seria uma honra me receber para o almoço. Fiquei meio sem jeito. Não foi difícil achar a rua e a casa. Na varanda vi o Junior e sua irmã. Logo apareceu seu pai e sua mãe. Cumprimentos, apresentações e além de mim, o Max também estava lá. Ele se convidara como sempre fazia.

Uma família simpática e divertida. Um almoço dos deuses. O pai de Junior era Engenheiro Mecatrônico, e trabalhava free-lance para hospitais, clinicas e quem quisesse seus serviços. Sua mãe prestava serviços de auditoria e trabalhava mais em casa pela internet. Uma família "letrada", unida e feliz. Notei que não sabiam das histórias dos "Cinco Magníficos", ou se sabiam achavam que tudo não passava de invenção deles. Às duas e meia da tarde, os demais chegaram. Por sugestão de Jan, levamos algumas cadeiras de camping e fomos até uma pequena pracinha próxima. Local arborizado, crianças brincando e vi que ali teríamos a privacidade para conversarmos mais a vontade.

Avisei ao Jan que estava na hora de começar. Chega de protelação falei. Eles de novo se entreolharam, balançaram a cabeça concordando e Jan tomou a iniciativa. Olhe chefe, não podemos assumir se alguma coisa acontecer. Só nós conhecemos a história e nada foi comentado com terceiros. Para dizer a verdade, nada comentamos destas atividades com nossa chefia sênior. Comentar seria motivo de gracejos, pilhérias, pois nenhum chefe ou sênior acreditariam em nós. Conversamos sobre a confiança que depositamos no senhor e para falar a verdade, ainda não temos certeza se podemos confiar.

No entanto, - continuou o Jan, desde a primeira vez o Senhor demonstrou ser alguém que acredita e nunca desde que o conhecemos não achincalhou ou caçoou de nós. - Agradei. Mas pedi que continuassem, pois não podemos controlar o tempo e ele passa rápido. Olhe chefe, dizia o Jan, nada foi programado. Surgiu assim de repente, durante uma reunião de seniores do distrito. Um sênior do Grupo Escoteiro Avante nos procurou no final da atividade. Contou-nos uma história estranha. Vimos que ele estava receoso, alarmado e tentou conversar com sua chefia. Ela não deu crédito e ainda riram dele.

Já nos conhecíamos de outras atividades distritais e conforme suas palavras escutaram de outros seniores que nos achavam “esquisitos”, talvez misteriosos ou mesmo na sua maneira franca, excêntricos. Claro, não era sua opinião. No entanto precisava de ajuda e achou que podíamos colaborar com ele. Depois daquela “lenga lenga” toda, e claro seu elogio, prestamos atenção na história que contou. No sábado anterior, ao sair do colégio às 13 horas, viu um velho, deitado na calçada, respirando com dificuldade, vestindo um terno preto, com colete e gravata borboleta, sob um sol inclemente e ninguém parava para socorrê-lo.

Continuou com sua narrativa de maneira não tão sutil. - Não sei se sabem, mas fiz dois cursos de primeiros socorros e vi logo que poderia ser uma “insolação”. Muitos que passavam achavam ser um pileque de um “velho desentvergonhado” e nada faziam. Estava com meu cantil, pois não ando sem ele, o puxei até uma sombra, desapertei sua gravata e camisa, tirei o paletó e molhando meu lenço de bolso, fiz diversas massagens em sua testa e em volta do pescoço. - Ele logo voltou a si e pedi para uma senhora ligar pedindo uma ambulância. Foi então que notei que sua face era meio rosa, tinha as orelhas pontudas, sem o chapéu caído ao lado só tinha fiapos de cabelos dos lados. Seu nariz me lembrava muito um duende de um foto que vi recentemente.

A ambulância chegou e ele rejeitou peremptoriamente. Mesmo com a insistência dos médicos e enfermeiros ele continuou a recusar. Desistiram e ele com minha ajuda ficou em pé e estranhamente me encarou dizendo - Conheço você! Já o vi por aqui de uniforme. Você sempre ajuda as pessoas. Ainda bem que o encontrei. Não entendi nada. Logo em seguida pediu desculpas, sorrindo de maneira bizarra e insistindo que o levasse até sua casa. Deu o endereço e vi que ficava atrás do cemitério do Bairro Saudade. Não era longe. O acompanhei em silêncio. Quando chegamos, avistei uma mansão sinistra, e por mais que insistisse não entrei e voltei para minha casa.

Durante a semana, recebi diversas vezes um telefonema, (não sei como ele descobriu) que deduzi ser o Velho Duende (desculpe o apelido), dizendo que contava comigo, que sua sobrevivência dependia de mim. Disse que seu tempo estava acabando e se não o ajudasse ele iria ficar aqui para sempre e não voltaria jamais para sua família. Falei com meu pai e ele riu achando que estava assistindo muito filme de terror. À tarde de quarta feira, ele ligou novamente. Implorou, mas disse que precisava de pelo menos seis rapazes para ajudá-lo no maior problema de sua vida. Falei com minha mãe, com meu chefe de tropa, com outros seniores da minha patrulha. Todos acharam que eu estava fantasiando e pela minha idade deveria ser mais sério como sênior.

Foi então que nos procurou chefe - dizia o Jan, pois como dizia, éramos os únicos que podiam ajudá-lo. Como? Perguntei - Indo comigo na casa do Velho Duende amanhã, domingo - disse. O senhor sabe que gostamos de uma aventura e o convite era um desafio. Passamos por poucas e boas e esta não podíamos deixar de lado - continuou o Jan. Fizemos um pequeno conselho de patrulha e decidimos ir com ele no dia seguinte. Iríamos todos uniformizados. Isto mostraria nossa identidade e não um bando de moleques invadindo casas alheias. Trocamos a noite vários telefonemas

entre nós. Estávamos preparados. O Velho Duende não iria nos assustar facilmente. Claro se fosse verdade a narrativa do sênior.

Eram dez e meia quando nos encontramos próximo ao cemitério do Bairro Saudade. Junto com o Sênior, cujo nome é Juací, nos dirigimos a tal mansão. Realmente. O aspecto funesto era assustador. Nunca gostei muito de filme de terror, mas ali estava um perfeito exemplar que podiam aproveitar para fazer um belo filme. Era cópia fiel de uma mansão assombrada que tinha visto na internet. Se me lembro bem, chamava-se Mansão Llancaiach Fawr, que pertenceu à família Princhar, numa pacata região do Sul de Gales, perto de Cardiff. Construída com paredes de quatro pés de espessura, a casa era uma verdadeira fortaleza se houvesse invasão de inimigos.

Mas vamos voltar a nossa narrativa. A mansão ficava afastada do bairro mais de um quilometro. Andamos neste período por uma pequena estrada de terra, sem avistar uma única casa. Ao chegarmos uma janela se abriu alguém colocou a cabeça para fora e rapidamente tirou e fechou a janela. Já sabiam de nossa presença e de nossa chegada. Batemos a porta e foi aberta de chofre. Conheci o tal Velho Duende, como já o chamávamos. Agora usava uma roupa verde, suas orelhas pontudas e nariz também pontudo não deixava a menor dúvida com quem se parecia. Não vimos ninguém atrás dele. Entramos em uma sala pouco iluminada, com um pé direito muito alto, duas grandes escadas levavam ao andar superior.

As poltronas extremamente velhas, aqui e ali cadeiras com braços e as cortinas rosa na penumbra, davam um aspecto irreal de boas vindas. Olhei por todos os lados e não vi ninguém. Mas poderia jurar que estávamos sendo observados por muitos olhos perdidos em cada canto da casa. Agradeceu a Juaci por ter vindo e nos deu as boas vindas. Juací explicou que não tinham muito tempo e se possível que ele entrasse no assunto. Nossos pais sabiam que estávamos ali e nos esperavam para o almoço e não podiam atrasar. Vi que Juací era decidido. Talvez mais que nós, pois nosso grupo se mantinha unido, bem perto um dos outros e receosos com aquele velho, com aquela casa escura onde não avistamos ninguém a não ser ele.

Mandou que os seguíssemos. Temerosos e um pouco acovardados, fomos em frente, ou seja, atrás do velho. Ele não falava nada, mas escutamos um farfalhar de vozes, ou melhor, um zumbido estranho, parecendo que milhares de ratos estavam reunidos disputando um belo queijo francês. Ele abriu uma porta, e desceu centenas de degraus até um local com um brilho incrível. Eu que sou um estudioso de tumbas egípcias, vi ali uma replica perfeita. Estávamos bem abaixo do porão da mansão. Ali considerando a entrada e a descida em parafuso por escadas de madeira descemos mais de 150 metros abaixo da superfície da casa.

Era assombroso o que vimos e encontrar um salão como aquele. Interessante que não havia luz, tochas, no entanto o local era bem iluminado. Estávamos todos perplexos com tudo que estávamos vendo. Afinal estávamos no Brasil e não no Egito. O porquê alguém construir algum assim, era para nós um mistério. Não tínhamos nenhuma noção de quem o fez. Devia ser alguém muito excêntrico, com dinheiro, conhecedor

dos segredos dos faraós, e nada como fazer uma réplica. Quem sabe queria ser enterrado como se fosse a primeira múmia brasileira. Durante alguns minutos ficamos parados, estáticos, sem saber o que dizer. As paredes pareciam cobertas de ouro, e podíamos ver vários escritos em hieróglifos. Nenhuma porta, nenhum sinal de outra passagem.

Até ali não entendíamos que tipo de ajuda ele iria precisar de todos nós. Aguardávamos que dissesse alguma coisa e ele de cabeça baixa, mexia com os braços, com o corpo e aconteceu! Uma enorme porta se abriu como se fosse uma engrenagem milenar.

### Os cinco Magníficos

"Nunca diga às pessoas como fazer as coisas. Diga-lhes o que deve ser feito e elas surpreenderão você com sua engenhosidade."  
(George Patton)

### Capítulo III

Nossos olhos não despregaram da porta. Ela se abria devagar, sem nenhum barulho, sem nenhum gemido. O silêncio era mortal. Estava imaginando o outro lado. Tesouros com barras de ouro, pedras preciosas, colares, pulseiras, objetos incrustados brilhando, mas, que decepção. Ao abrir vimos outro salão, bem menor, como se fosse o início de um corredor, só que não tinha mais que uns 10 metros de comprimento, por uns dois de largura. Ao adentrar no salão, a porta se fechou. O Velho Duende resolveu explicar tudo. Porque estávamos ali, e o que esperava de nós. Sua voz fanhosa e fantasiosa saía de sua boca em sons guturais. Desta vez não gesticulava. Seu semblante não tão simpático, agora demonstrava uma agonia sem precedentes, como se nós fossemos o salvador, aqueles que afinal poderiam dar um novo rumo em sua vida.

- Meu nome é Josuhá - disse - tenho 486 anos e sou natural de Leprechauns, cidade próxima a Mooinjera, segunda dimensão oposta da Irlanda. Somos todos Goblins, ou pode nos considerar Elfos ou Gnomos, mas nos consideramos bem mais civilizados. Não sei como vim parar nesta cidade. Há seis meses atrás, fui transportado sem perceber e me vi alojado nesta mansão. Ela estava abandonada e quando me dei conta me vi só, sem víveres, e cercados de ratazanas que habitam aos milhares na Mansão. - Vasculhei todos os quartos, salões, e descobri esta sala por acaso. Quando aqui vinha, não tinha nenhum conhecimento de como abrir esta porta que vocês viram. Não sou mágico, e nem um Zanganito. Perguntei o que era Zanganito e ele respondeu que eram Duendes encantados. Foi então que uma luz cintilante me mostrou como voltar e ao mesmo tempo manter escondida nossa civilização dos Brownies, uma raça que quer exterminar a nossa.

- A luz, que deduzi ser do meu Mestre Zincayan disse que existem seis portas a serem ultrapassadas. A cada uma é necessário cumprir uma missão para que a outra se abra. Não me foi permitido saber qual e nem ser participante dela. As missões só

podiam ser realizadas por jovens, puros nos seus pensamentos, palavras e ações. Jovens em que se pudesse confiar, e que tivessem coragem para não desistir de cada missão apresentada. - A principio, continuava o Velho Duende, agora chamado de Josuhá, não entendi o que isto significava. Enquanto não sabia onde encontrar esses jovens, passei a conhecer sua cidade, seus habitantes, o que pretendiam suas agruras, seus sorrisos, enfim, analisei muitos e pouco compreendi. É difícil entender vocês, mas sem querer, me dei um dia com um escoteiro ajudando e colaborando sem pedir nada em troca.

Deduzi que sua organização era feita de pessoas honestas, com honra e lealdade suficiente para me ajudar. Não sabia como encontrá-los. Fiquei zanzando por meses e nada encontrando. Era difícil perguntar, pois todos tinham receio do meu rosto e da minha voz. - De tanto andar, um dia perdi a noção de tudo, desmaiei e quando abri os olhos me dei com um de vocês, o mesmo traje do outro que vi praticando boas ações. Vi que me ajudava, e que em pouco tempo recuperei minhas forças e quando se prontificou a me levar a um hospital agradei. Achei que tinha encontrado o que precisava. Não precisava procurar mais.

- Consegui convencê-lo e eis que você me aparece com mais cinco. Perfeito. Não sou ótimo nas palavras, mas acredito que podem me ajudar. Não se assustem com as missões que irão aparecer. Não serão tão difíceis. Se forem, será o meu fim. Deixei na minha terra, uma esposa e uma filha. Não sabem onde estou e se vou voltar. Olhe chefe, - continuou o Jan - Não estava gostando nada daquilo. Não sabíamos o que encontraríamos. Afinal de Indiana Jones nas suas mais perigosas missões, estávamos longe. De sua coragem e perseverança nem sei o que pensar. Ned foi quem tomou a iniciativa para saber como eram as missões. Josuhá tocou em um ponto da parede, e eis que apareceu um grande formigueiro, com milhares de formigas do tamanho de abelhas andando aqui e ali.

Disse-nos que um de nós, que conseguisse passar, sem matar nenhuma formiga e ser picado por elas, abriria a porta da segunda missão. A coisa engrossou. Como passar? Como fazer? Junior disse que conseguiria. Tirou do bolso uma barrinha de chocolate e aos poucos pingando água do seu cantil em cima, o chocolate foi desmanchando formando uma pequena bolha doce em um canto do formigueiro. Dito e feito. As formigas correram em cima do chocolate. Junior em pouco tempo atravessou sem machucar nenhuma delas.

Josuhá deu pulos de alegria, logo viu que o formigueiro tinha desaparecido. Apertou outra parte da parede e um enorme fosso cheio d'água apareceu. Ele disse que no fundo, quem mergulhasse deveria encontrar uma agulha azul, e deveria ser picado por ela. Não haveria sangue e a água evaporaria em segundos. Não poderia vir á tona para respirar enquanto não encontrasse a agulha azul. Se emergisse, tudo estaria acabado. Max se ofereceu. Disse que sempre foi bom de mergulho e sem esperar consentimento mergulhou de uniforme, só deixando para traz o cantil e a boina. Passou-se um minuto, dois minutos, três minutos e começamos a ficar preocupados. Quatro minutos e vimos à água desaparecer com uma rapidez incrível. No fundo Max

estava como que desmaiado. Pulamos no buraco, uma pequena respiração artificial boca a boca e pressão no tórax próximo ao coração e logo ele voltou a si.

Josuhá apertou outro local na parede. Duas missões foram cumpridas. Restavam quatro. Uma pequena passagem se abriu. Quatro cascavéis de metro e meio estavam rastejando daqui e dali. Não precisamos perguntar. Vimos um anel pequeno, sem ornamentos, no meio das cobras. Alguém teria que ir lá pegar. Ninguém falou nada. Todos nós morríamos de medo de cobras. Conhecíamos bem as cascavéis. Juaci se prontificou. O que ele iria fazer? Não tínhamos a mínima ideia. Ele pé ante pé se aproximou da primeira cobra e jogou um punhado de areia em seus olhos. A cobra começou a saltar e em seguida Juaci fez o mesmo com a segunda e a terceira. Faltava a quarta. Ele saltou em cima de Juaci que se desvencilhou e deu seu cantil para ela. Foi uma mordida e tanto no cantil. Deu tempo para Juaci pegar o anel. As cobras sumiram.

Mais uma e agora restavam três. Josuhá não perdeu tempo. Já estava sorrindo e sonhando com seu retorno. Apertou outro canto da parede. Uma fumaça preta tomou conta do final do salão. Josuhá disse que era uma fumaça venenosa. Quem aspirasse morreria em segundos. A missão consistia em atravessar a fumaça, encontrar a parede do outro lado e achar o ponto exato onde tinha um botão que a fazia desaparecer.

Agora sim. Quem de nós se ofereceria? Nem bem pensei e eis que o Leo se prontificou. Tirou um lenço de bolso, cortou duas pequenas partes com seu canivete, molhou com água e fazendo duas pequenas bolas, enfiou em cada narina bem fundo. Ao ver aquilo até eu perdi a respiração. Leo correu e entrou na densa fumaça. Graças a Deus não demorou muito. Em menos de 3 minutos a fumaça tinha desaparecido. Mais duas pela frente. Eu estava suando a bicas. No entanto vi que os demais estavam se divertindo! Só mesmo estes “Cinco Magníficos”. Josuhá de novo apertou a parede. Apareceu no chão o desenho de três trevos de quatro folhas cada um. O sortudo teria que pisar em pelo menos seis folhas e estas deveriam soltar um pó amarelo. Pisando em uma folha que soltasse o pó azul seria considerado erro. Teria duas chances de erro.

Era uma das piores. Se não conseguíssemos perderíamos todas as missões completadas. Eu me ofereci. Sempre fui um “cara de sorte”. Ganhei diversas vezes as rifas que comprei. Nunca joguei em loterias e nada de errado acontecia comigo. Considero-me um sortudo. Tudo dava certo em todas as situações difíceis em minha vida. Sabia que ali também minha sorte não faltaria. Que seja o que Deus quiser pensei e lá fui. Nas primeiras quatro folhas pó amarelo. Sorrisos e aplausos. Nas outras duas pó azul. Tristezas, desânimos. Não teria outra chance. Pisei em outra, pó amarelo. Fiquei amarelo de medo! Faltava uma. Fiquei ali parado, pensando, margeei duas e pisei na última. Pó amarelo! Gritos, alegria, abraços.

Faltava somente uma. Eu tremia como vara verde. Os demais continuavam eufóricos. Não sabiam dos perigos ou não queriam acreditar que tudo fosse verdade. Eu não. Sabia e tinha certeza que um só erro, um de nós poderia até perder a vida. Josuhá

apertou novamente a parede. Desta vez estremei. Uma parte dela começou a se movimentar em direção a outra. Tínhamos somente uma área de dois metros quadrados que não se mexia. Ali ficamos. Josuhá disse que a parede iria parar a 15 centímetros da outra. Alguém teria que ficar ali e não ser esmagado.

Não dava para mim. Era meio gordo. Mas Ned se ofereceu. Com mais de um metro e oitenta era um perfeito vara pau. Encostou-se à parede contrária, diminuiu a barriga, virou a cabeça para o lado e esperou. Sentiu que a parede se aproximava e achou que seria esmagado. A parede parou. Vimos Ned esticado sem mexer. Estava prensado entre as paredes e não podia sair. A parede continuava lá. Olhamos para Josuhá. Ele nada dizia. Vimos à parede virar pó. Josuhá nada dizia. Um barulho tremendo aconteceu. Foi então que Josuhá olhou para nós e disse, corram o mais que puder. Tudo deu certo. Volto para minha gente. Vocês não podem dizer para ninguém o que viram ou fizeram. Quem souber disto, pode virar um Duende quando aparecer um Arco Iris a sua frente. Cuidado!

Olhamos para traz e vimos à escada de madeira se desmanchando. Em saltos enormes subimos como se fossemos uma pantera correndo de seu matador. Chegamos ao salão. Saímos rápido pela porta, corremos até umas árvores. Vimos a Mansão se transformar. Não dava para acreditar. Voltou sua pintura quando construída, apareceu em volta um belo jardim. Em poucos segundos, todo cenário tinha mudado. A Mansão era uma linda e esplêndida casa. Vimos até pequenos rolos de fumaça saindo pela sua chaminé. Incrível! Não dava para acreditar o que era e no que se transformou. Em uma janela uma linda jovem apareceu. Mais acima em outra janela o sorriso de Josuhá, com seu nariz afilado, sua tez esverdeada nos acenando e desaparecendo em seguida.

Voltamos para nossas casas sobressaltados. Era uma história fantástica. Eu não acreditava em tudo que vi. Perguntei a cada um se tinha realmente acontecido. Brancos como papel, só diziam sim com a cabeça. Durante uma semana não dormi direito. Na reunião seguinte resolvemos voltar lá no domingo. Convidamos Juaci. Uma bela surpresa. Uma grande casa, verde musgo tinha surgido. Um lago cheio de flores, gansos e patos nadavam alegremente. Próximo a casa corria um regato de águas límpidas. Duas crianças de mais ou menos oito anos brincavam no jardim da frente. Nem sinal de Josuhá.

Combinamos de não contar para ninguém. Claro, a maldição para nós não tinha tanto significado, mas o deboche, a troça e zombaria não faz parte de nosso dicionário. Olhe chefe isto aconteceu há dois meses atrás. Nunca mais vimos ou ouvimos falar em Duendes. Josuhá era uma sombra do passado que se foi. Se ele voltou para sua cidade, junto dos seus, e se alcançou a felicidade da volta, pois aqui se sentia deslocado, ótimo. Quem sabe um dia poderemos ir até a segunda dimensão que disse e lá encontrá-lo de novo. Já passamos por tantas coisas que nada seria difícil para aumentar nossas aventuras.

A tarde chegou. O sol estava se pondo. Debaxo daquelas árvores a brisa corria leve e solta. Olhei o semblante de cada um. Nenhum parecia estar inventando novamente esta história. No entanto era difícil de acreditar. Foi bem narrada. Se for mentira



ficaram um bom tempo preparando e decorando cada situação. Nos Cinco Magníficos nenhum sinal de que foram bons na história inverossímil. Levantei para despedidas. Meu vôo seria às 23 horas e tinha pouco tempo para arrumar tudo. Fiquei calado. Não opinei. Não disse nem sim e nem não. Era uma história fantástica! Quem sabe digna de um grande filme feito por grande diretor ficcionista de cinema americano. Não sei se já li algum parecido. Acredito que sim, mas não me lembrava. Eles não demonstravam nada. Eram excelentes atores. Já tinha dito isto.

Mas e se fosse verdade? E a maldição? Ficar verde com orelhas pontudas e nariz afilado ao ver um Arco Iris? Até seria bom, pois quem sabe encontraria o tal Pote de Ouro que os Duendes tanto procuram? Despedimo-nos, e quando abracei o Jan, ele me disse ao pé do ouvido - Pode acreditar chefe. É e foi verdade. Não há mentiras. O Escoteiro Tem uma só palavra e sua honra vale mais que sua própria vida. Dei meu sempre alerta e voltei ao hotel. Tomei um banho, troquei de roupa, e quando ia saindo com minha mala o telefone tocou. Era o Jan. Estava me dando um até logo, pois contava que voltasse novamente. Ele tinha se reunido com a patrulha e eles concordaram que da próxima vez me contariam à aventura que viveram com o “Prefeito e o Padre Fantasma da Cidade Perdida”.

Incrível! Espantoso! Estes “Cinco Magníficos” eram terríveis em suas histórias e aventuras. Mas eu não deixaria de voltar. Sentia-me bem junto deles. Confesso que não acreditava totalmente, mas a dúvida era grande! Contavam com tanta veracidade e de maneira tão escoteira que um embuste estava fora de questão. Os cinco representavam bem seu papel. A cada narrativa mais ficava impressionado. Em toda minha vida escoteira nunca conheci alguma patrulha que tivesse tantas aventuras para contar. Ali, escondidos em uma pequena cidade estavam os perfeitos exemplares de todos nós escoteiros, que procuram suas próprias aventuras. Mais uma para meus contos com aquela mistura de ficção e realidade.

Eu me considero diferente de muitos. Acredito nos escoteiros. Afinal fazem uma promessa, tem uma Lei para seguir e sabendo que a honra é importante em suas vidas nunca, mas nunca iriam mentir... Pois sim, vou acreditar!

E quem quiser que conte outra...

"Dando um chute na sílaba da palavra impossível IM, qualquer pessoa terá a certeza de sucesso."

Baden-Powell

História III

## AS LEGENDÁRIAS LENDAS ESCOTEIRAS

### Os cinco Magníficos

(Os cinco Magníficos são seniores da patrulha Aconcágua, do 568º Grupo Escoteiro Pico da Neblina. Rotineiramente estarão aqui contando suas epopeias divertidas e

aventureiras. Muitas já vividas pelos nossos magníficos seniores de todo o país. Sejam bem-vindos a patrulha Aconcágua e os cinco Magníficos).

Historia de hoje: O perverso Pirata Barba Negra.

- “Nem todos os piratas eram criminosos - Isso vai depender muito do seu ponto de vista, mas durante a guerra, as nações emitiam cartas que permitiam que os navios atacassem os inimigos. Normalmente, quem atacava os inimigos dividia o que era saqueado no navio com o governo que havia emitido a carta. Esses homens também eram chamados de piratas. Os ingleses Sir Francis Drake e Capitão Henry Morgan agiam desta forma e nunca atacaram portos ou comerciantes. Para os ingleses eles foram considerados heróis. Para os espanhóis, eles eram criminosos”.

Eu tinha o telefone de Max na carteira. O guardei de maneira tal para não perder nunca. Afinal além de conhecê-lo profundamente, pois diversas vezes nos encontramos e tive a honra de participar com eles em uma aventura sem igual quando fomos à Montanha dos Sete Desejos nunca mais esqueci aquela patrulha fenomenal. Sempre eles vinham em minha lembrança onde quer que fosse. Sempre quando eu viajava próxima a cidade onde eles moravam, não deixava de visitá-los. E-mail e lembranças entre eles e eu eram frequentes. Na tropa Escoteira no grupo em que dava minha colaboração sempre pensava que ali faltava alguma coisa. Ria comigo mesmo. Comparar com os Cinco Magníficos era até covardia. Passei para o papel todas suas aventuras em forma de romance. Ninguém em tempo algum me inquiriu se eles existiam ou não.

Max atendeu de pronto e se mostrou alegre em saber que estava em sua cidade. Ficamos de nos encontrar à tardinha na Praça do Pavão, onde havia muitos bancos e poderíamos conversar a vontade. Perguntou se poderia levar o Junior, o Jan a Liv e a Marly. Claro que sim disse. Afinal vocês formam um time e falar com um em particular fica até ruim. Minha amizade se estende a todos. Cheguei no horário e eles já estavam lá. Abraços, sorrisos e logo sentamos em um gramado da praça para ficarmos mais a vontade. Era um sábado e perguntei por que não estavam em reunião. Vi que os rostos de todos ficaram triste. - Algumas coisas aprontaram eu pensei.

Chefe - Olha, era o Jan quem falava. Estamos comendo o pão que o diabo amassou. Tudo só tem dado errado. Nosso Chefe Sênior mudou de cidade e o assistente assumiu. Ele é jovem. Muito exigente. Disse que nós somos uma Patrulha que destoa da tropa. Diz que somos metidos a bom, não gostamos de participar nas atividades programadas da tropa e desfiou uma infinidade de reclamações. Ficamos calados. Não era hora para discutir com ele. Pela ultima aventura que passamos ficamos dois meses sem ir à reunião e dois meses desaparecidos da cidade. E por isso nos deu dois meses de suspensão. Estamos proibidos de fazer qualquer atividade Escoteira. - O que? Perguntei. O que vocês aprontaram? - Nossa ultima aventura foi um desastre. Nossos horários nunca foram cumpridos.

Mas que aventura foi essa? - perguntei. Não lhe contamos? Para lhe dizer a verdade foi uma aventura que não esperávamos. Fomos convidados por uma Patrulha do mar que ficamos amigos no ultimo Acampamento regional de Patrulhas para um sábado qualquer irmos até a cidade deles, que é perto e iriam dar um passeio e nos levar com seu novo barco. Achamos que eles estavam preparados. Pedimos licença ao nosso Chefe Sênior e ele desconversou. Havíamos prometido que iríamos e ficaria muito mal se não fôssemos. Decidimos em Patrulha que iríamos e que desse o que desse não iríamos decepcionar nossos amigos.

Embarcamos em um ônibus no sábado bem cedinho. Cedo ainda nos encontramos com eles em uma marina pequena onde o barco ficava ancorado. A reunião seria as duas e meia e dava tempo de dar uma volta na enseada e voltar a tempo da reunião. Chefe - O senhor nem imagina o que aconteceu. - Saímos da baía, pois eles eram bons remadores e disseram que iam nos Levar a Ilha das Cobras, mas que não nos assustássemos, pois era uma ilha bem conhecida deles. Eles eram quatro. Natan, Paulo, Leiva e Tônico. Bons rapazes. Todos com mais de quatro anos de escotismo.

Olhei para o Junior e ele riu. Liv e Marly continuavam as mesmas. Sempre caladas, mas sabia que quando começassem a falar não iam parar mais. Foi Marly quem continuou. - Nunca esperávamos o que aconteceu. Até hoje acho que é um sonho, mas as costas do Junior e do Jan com marca da chibata não deixa outra saída em acreditar que foi tudo realidade. Meu Deus! Chibata? O que foi isto? - Chefe - Uma história que não contamos para ninguém. Para o senhor sim, pois estive conosco em uma e sabe da verdade. Foi incrível mesmo. Pegou-nos desprevenidos. Uma bruma, isto mesmo, uma bruma nos pegou no meio do caminho. Ficamos cegos sem enxergar nada. Nosso barquinho começou a rodopiar como se estivéssemos em um redemoinho gigante.

Não demorou muito e tudo terminou. Estávamos à deriva em alto mar. Natan o Monitor deles era bem calmo e disse que não precisávamos preocupar. Estava com sua bússola e um mapa náutico. Logo acharia onde estávamos, pois pelo vento e cisos no mar demonstravam que estamos perto da costa. Mas o incrível aconteceu. Vimos ao longe uma nau ou um galeão e nos assustamos. Não era um navio qualquer. Daqueles antigos com muitas velas e enorme. Grande mesmo. O que fazia ali um navio destes? Todos nós ficamos olhando o Galeão se aproximar. Desceram um escaler e três marinheiros vieram ao nosso encontro. Agora sim, o susto não parava. Todos eles vestidos como se estivessem no século XVIII. Obrigou-nos a entrar no seu bote e quando chegamos ao convés do navio ficamos boquiabertos. Achamos que era uma brincadeira, mas não era não. Um capitão barbudo, fétido, com uma enorme cicatriz na testa pegou o chicote e deu uma chicotada no Max e outra no Jan.

Isto é para aprender a ter respeito, ele falou em inglês. Jan falava bem o idioma e nos disse o que ele falou. Vimos que não estavam ali para brincar. Max aguentou a dor calado, mas Jan não. Gemia baixinho. O barbudo gritava, ameaçava, dizia que não tinha comida para todo mundo. Não ouve diálogos. Botaram-nos a "ferros" no primeiro dia sem comida e água. O cozinheiro deles no segundo dia nos procurou e perguntou se éramos filhos de Lord Lowell, um inglês que era amigos de Barba Negra.

- Barba negra? Como? Que ano estamos? - Ele riu e disse que achava que era em 1678, não tinha certeza. Não era brincadeira. Eles não estavam brincando como o Capitão Jack Sparrow do filme Piratas do Caribe. Todos nós começamos a chorar. Medo, receio, mas o que aconteceu? Foi Jan quem disse que poderíamos ter passado pelo fenômeno de um “paradoxo temporal”. Dizem que às vezes isto acontece no mar e gera resultados logicamente impossíveis. Tornamo-nos um viajante do tempo e fomos parar no passado.

Incrível! Eu não acreditava, ou melhor, nenhum de nós acreditava. Interessante que o mais calmo era Natan. Tentava nos acalmar e dizia para termos fé. Iriamos sair desta. No terceiro dia nos deram comida e água. Libertaram-nos e fomos obrigados a fazer limpeza em muitos lugares do navio. Fétido, alguns faziam suas necessidades em qualquer canto e não tomavam banho. Um mau cheiro incrível. Liv e Marly aguentavam firme. No décimo dia já tínhamos acostumado com tudo. Um horror aconteceu no decimo quarto dia. Um navio mercante espanhol foi perseguido e atacado. Não se entregaram sem luta. Uma carnificina. Um inferno para nós. Roubaram tudo do navio, botaram fogo e mataram o resto da tripulação na prancha como se fosse uma diversão a parte. Barba Negra só vociferava. Andava com varias pistolas, facas e uma espada. Aprendeu a trançar suas barbas e pintar de vermelho, parecendo que elas estavam em chamas.

Ele ditava as regras, as normas e ninguém jamais ousavam discuti-las. Ninguém via sua parte do butins, pois ele escondia muito bem no navio que era seu. Ficamos no navio por quarenta e cinco dias. Não sei como aguentamos tanto. Uma noite Natan nos disse como fugir. Ele conseguiu ver nosso bote amarrado próximo a estibordo do navio e soltá-lo seria fácil. Não titubeamos. Se descobrissem sabíamos que iríamos pagar caro, mas não dava mais para continuar. Quarenta e cinco dias sem banho, comendo mal, agua salobra um inferno. Uma da manhã, uma noite que o rum correu solto. Beberam até cair. Paulo, Junior, Max e Leiva foram desamarrar o barco. Tônico Liv e Marly ficaram juntos. Não tínhamos comida nem agua. Seja o que Deus quiser pensamos.

Não foi difícil, todos desceram pelas cordas que ficavam na lateral do navio. Uma hora depois já não avistávamos o galeão. Sorrimos e gritamos de alegria. Mas à tarde, o sol quente e a sede queimava os lábios de todos. Ainda bem que a sueste umas nuvens negras prenunciavam chuvas torrenciais. Alegria com a agua. Bebemos até a barriga estufar. De manhã avistamos uma cidade e ficamos com medo de aproximar. A fome era enorme. Nossas roupas em farrapos. O que fazer? Dito e feito. Uma bruma nos pegou de chofre. Um redemoinho e acordamos com o sol a pino próximo a ilha das cobras. Gritos, alegria, sorrisos, e em pouco tempo chegamos à marina. Fracos, em frangalhos fomos socorridos.

Depois ficamos sabendo que ficamos fora mais de cinquenta dias. No hospital convalescendo mais de quinze dias. Contar o que para eles? Iriam acreditar que estivemos prisioneiros do pirata Barba Negra no ano de 1678? Quem iria acreditar? Todos nos resolvemos calar. A desculpa foi que o barco ficou a deriva e navegamos sem rumo por todo aquele tempo. Comemos frutas em ilhas que achamos e graças a

Deus conseguimos voltar. As nossas familiares choraram de alegria com a nossa chegada. Achavam que estávamos mortos. A maioria queria que saíssemos do escotismo. Fim da Patrulha Aconcágua? Impossível. Isto não iria acontecer nunca.

Nosso Chefe Sênior não perdoou. Em uma reunião do Conselho de Tropa Sênior nos suspendeu por dois meses. Proibidos de fazer escotismo e falar sobre ele. Pediu aos nossos pais que não deixassem que nos encontrássemos (os membros da Patrulha). Mas não adiantou. Quase todas as noites nos falamos pela internet, celular e uma vez por semana encontramos sempre aqui na praça. Somos amigos e irmãos escoteiros e seremos até morrer. Sei que eu e o Max já estamos nos aproximando dos Pioneiros e sentirei muito a falta de todos. Não sei o que vai acontecer, mas o Junior me disse que a Patrulha não ia acabar nunca. Ele, Liv e Marly fizeram um juramento que nossa falta seria sentida, mas outros nos substituiria.

Fiquei pensando em tudo. Uma aventura incrível. Desta vez a morte por perto. Já tinha lido algum sobre o pirata Barba Negra. Ficou anos saqueando navios até que um dia a colônia de Virginia despachou uma força naval britânica sob o comando de Robert Maynard, e depois de uma dura batalha, obteve sucesso e a morte do Barba Negra foi inevitável. Dizia o relato que ele foi decapitado e a cabeça dele pendurada na verga do mastro principal do navio “Queen Anne’s Revenge”. Os seniores e as guias não viram nenhum tesouro no navio. Dizem que teria sido enterrado por ele e que nunca foi encontrado. Porém muitos duvidam que o tesouro tenha existido.

Voltei para minha cidade e continuei mantendo contato com os Cinco Magníficos. Vencido a suspensão voltaram às atividades desta vez diminuindo um pouco a sede de aventura. Max e Jan passaram para os pioneiros e uma nova guia e um novo Sênior foi admitido à patrulha. Mês que vem deverei realizar uma inspeção em umas máquinas que vendemos em uma cidade próxima. Vou encontra-los é claro. Sei que corre na veia daqueles valentes seniores e guias um sangue quente de aventuras. Iram aprontar outras tenha certeza.

Mais uma historia que irei contar para meus leitores. Acreditar? Ninguém vai acreditar. Irão pensar que é alegoria do autor. Um suspense ficção para impressionar. Que pensem assim. Eu conheço a Patrulha, estive com eles em uma que até hoje fico pensando o que foi realmente. Gostaria de voltar a ser jovem. Daria tudo para ser aceito na Patrulha Aconcágua. Seria tenho certeza um grande Sênior dos Cinco Magníficos!

#### Alguns mitos dos piratas

. Alguns contos de piratas dizem que o costume de matar sobre a prancha começou depois da Era Dourada, mas as evidências sobre isso são quase inexistentes. Mas não pense que esse era o único tipo de punição. Piratas que quebravam as regras eram abandonados em ilhas, chicoteados ou mesmo “quilha-transportados”, um tipo de castigo em que um pirata era amarrado a uma corda e então jogado ao mar, de um lado do navio. Então era transportado pela quilha, por baixo do navio, até o outro lado.

Eles raramente enterravam tesouros. Um ou outro de fato fizeram isso, como o Capitão William Kid, mas a verdade é que pouquíssimos chegaram a enterrar algum tesouro. E existiam algumas razões para isso. Eles preferiam dividir os tesouros roubados entre a tripulação do que enterrá-los. Além disso, a maioria dos tesouros não era ouro e sim comida, tecidos e outras - coisas que estragariam facilmente se enterradas. Na verdade, essa lenda de enterrar tesouro durou tanto tempo devido ao livro “Treasure Island”, que falava de uma caça ao tesouro.

## História IV

### AS LEGENDÁRIAS LENDAS ESCOTEIRAS

#### Os cinco Magníficos

(Os cinco Magníficos são seniores da patrulha Aconcágua, do 568º Grupo Escoteiro Pico da Neblina. Rotineiramente estarão aqui contando suas epopeias divertidas e aventureiras. Muitas já vividas pelos nossos magníficos seniores de todo o país. Sejam bem-vindos a patrulha Aconcágua e os cinco Magníficos).

Historia de hoje: A montanha dos sete desejos

“Há quem passe pelo bosque e só veja lenha para fogueira” Esta frase é tão verdadeira quanto bela.

Mas, com certeza, muitos ao passarem pelo bosque da vida viram muito mais do que apenas lenha para fogueira.

#### Capitulo I

As patrulhas escoteiras estavam em desabalada carreira morro abaixo. Fiquei preocupado, pois alguém poderia escorregar e o tombo seria desastroso. Lembrei das palavras de um homem famoso do passado em que dizia que os jovens devem jogar, e se possível com desafios e sem muitos padrões e que sejam jogos fortes, pois só assim poderiam um dia saber enfrentar as adversidades da vida. Não sei se concordava muito com isso.

Era um jogo simples. Cada patrulha fez uma espécie de trenó (também designado por tobogã, usado para transporte sobre o gelo, é um veículo sem rodas construído com estreitas e longas tiras de madeira ou metal). E em duplas desciam um morro íngreme e o qual a chefia já tinha feito uma inspeção para ver se havia pedras e tocos. Algumas alcançavam enormes velocidades. Era uma diversão garantida. A preparação para esse grande jogo começou há meses atrás. Cada

patrulha fez o esboço do trenó que iriam construir e tudo deveria ser feito no campo. Algumas desenvolveram ótimos projetos, mas não souberam construir conforme projetaram.

Durante toda a tarde o jogo foi sendo disputado palmo a palmo. No final ganhou a Pica-pau e um grande troféu foi colocado no totem deles. Lembrei-me do grande explorador Americano, Robert Edwin Peary, que ficou conhecido por ter sido o primeiro homem a atingir o Pólo Norte Geográfico em 1909. Durante anos, a bordo de um Trenó descobriu a costa norte da Groenlandesa ate então nunca navegada. Eu gostava de acompanhar os escoteiros. Tinha pouco tempo e só vivia viajando, pois trabalhava em uma empresa como diretor comercial e toda semana negócios me levavam de norte a sul do país.

Consegui quinze dias de férias as duras penas. Aproveitei para ficar um pouco com a tropa. Há tempos não fazia isso. E claro, oito dias seriam dedicados a um convite especial. Recebi um telegrama dos Cinco Magníficos e que dizia: - Vamos explorar a Serra da Estrela Negra. Se tivermos sorte chegaremos a Montanha dos sete desejos. Dizem que lá se podem fazer pedidos, no máximo sete e sempre atendidos. Quem sabe vais poder participar de uma das nossas grandes Aventuras?

Desta vez eles não me escapariam. Impossível não aceitar. Eu admirava aqueles seniores e passaram-se quase um ano quando os visitei pela ultima vez. Duas grandes aventuras me foram narradas por eles. Minhas dúvidas se verdadeiras ou não eram enormes. A primeira, disseram ter voltado no tempo, na França medieval e passaram peripécias de morte em um castelo. Depois na Mansão do Duende cor de rosa e para salvá-lo tiveram que enfrentar vários desafios perigosos. Eram histórias fantásticas inacreditáveis mesmo.

Cheguei à cidade onde moravam, numa quarta pela manhã. Eram bons rapazes, educados e prestativos. Veio-me a memória quando os conheci pela primeira vez. Uma tempestade. Eu perdido em um taxi com pneus furados. E ali do nada eles surgiram. Alegres, sorridentes, molhados e cantando a pleno pulmões “Põe tuas magoas bem no fundo do bernal e sorri”. Lembrei-me quando cantava na época que era escoteiro. Sempre nas dificuldades lá estava ela na minha mente. Liguei par o Leo o monitor da patrulha e sua mãe me disse que ele agora estava na capital, pois estava fazendo faculdade. Caramba! Pensei.

O único telefone que ainda tinha era do Max. Ele atendeu prontamente. Disse que todos estavam a minha espera na casa do Junior. Aluguei um taxi e em menos de dez minutos cheguei. Uma surpresa me esperava. Duas jovens simpáticas estavam com eles. Liv, quinze anos, morena cabelos curtos, um lindo sorriso e Marly, também com quinze anos cabelos castanhos compridos, sorria pouco, mas extremamente simpática. A principio não sabia por que estavam ali. Dei falta do Leo e o Ned. Max me explicou que fizeram dezoito anos e passaram para pioneiros. Leo mudou para a capital e Ned agora namorava firme uma pioneira. Ainda se encontravam, mas esporadicamente.

Foi o Jan que me apresentou as jovens. Todas com mais de seis anos de escotismo. Passaram para guias e nos pediram para participar da patrulha. Olhe sempre fomos contra moças na patrulha. Mas fizemos um Conselho e chegamos à conclusão que estava na hora de ver se daria certo. Elas estão conosco há seis meses, são Liz de Ouro e vieram de lobinhas. Até agora nada a reclamar - disse o Jan. - Elas sorriram e Liv foi a primeira a falar - Olhe chefe, essa turminha ainda não sabe, mas somos muito melhor que eles - Vamos ver, vamos ver, disse o Junior. A prova será agora. Seis dias, uma subida das boas, se der uma chuva não sei não.

Fiquei ali pensando como eles agora desenvolveriam seus planos, seus sonhos de Grandes Aventuras, como as que aconteceram no passado. O elemento feminino estava presente e era um grande desafio para aqueles três que tinham uma grande experiência de campo e se safarem sempre com um sorriso nos lábios. - Jan me disse que o Max era agora o monitor. Marly era a sub. Deram risadinhas entre si. As jovens não gostaram e nada disseram.

Durante mais de uma hora, assisti a uma sessão de nostalgia. Desfiaram melancolicamente a perda dos dois. Leo e Ned. Como sempre Jan o mais palrador era quem mais sentia falta. - Olhe chefe, nossa ultima aventura, foi durante o inverno do ano passado. Foi à despedida. Fomos até a cachoeira das Mil Mortes e lá fizemos um desafio para saltar a queda d'água dentro de um tambor de 200 litros. Acho que não conhece. Um tombo de aproximadamente 25 metros. Queda livre.

Foi divertido, mas meio sem graça. Muito parado para o meu gosto. - Junior interrompeu dizendo - Não foi lá essas coisas, mas valeu. Ao mergulharmos, o Ned encontrou uma fenda, por sinal bem grande e nos convidou a conhecer. Olhe mais de 30 metros abaixo da cachoeira saímos em uma gruta, onde o sol batia nas águas e dava um brilho amarelado, lindo, formando diversos arcos Iris, brilhante de um fulgor suntuoso, extremamente belo. Um espetáculo. Depois sem ninguém esperar, enormes morcegos começaram a voar em nossa volta. Não nos atacaram, mas não deixavam nos aproximar de uma grande pedra igual a uma cripta, de mármore que estava a menos de 50 metros.

- Lá vem de novo às historias que só com eles acontecem, pensei. - Logo o Junior interrompeu dizendo que foi fichinha espantar os morcegos. Com um pequeno espelho que sempre carregava no bolso, aproveitando uma nesga de sol, clareou os olhos deles e se esconderam. O Max correu até a pedra de mármore e encontrou em cima dela um manuscrito feito de pedra calcária. Bonito chefe, muito bonito. Estava com lindos desenhos e esculpido com letras tipo Algerian, lindas como fizeram e quem fez eu não sei. - Pensei comigo, só com esses jovens acontecem essas historias improváveis.

- Como num passe de mágica, o Max foi até uma mesa que estava na varanda onde estávamos, e trouxe o manuscrito. Era verdade. Do jeito que descreveram. As jovens sorriram entre si. Ainda não acreditavam muito nessas historias rocambolescas que eles contavam. Agora achavam que eles podiam ter feito tudo aquilo para



impressionar. Mas eram da Patrulha Aconcágua e todos os novatos ali sempre juravam fidelidade e respeito. Não esqueciam a cerimônia que participaram na admissão.

Liv contou emocionada como foi. Feita a noite, no alto do morro da Carmana, próximo à cidade. A patrulha toda vestida com uma bata negra. Elas também usaram a bata. Foram apresentadas pelo Ned e iniciaram o ritual do Santo Graal, a frente uma mesinha, forrada com a Bandeira da tropa, em cima o cálice sagrado e uma pequena espada de metal. Lembrei-me das Lendas Arturianas, e dos Cavaleiros da Távola Redonda. Elas se aproximaram e Ned gritou alto: - Apresento Liv e Marly. Querem ser dos Aconcágua! - Leo respondeu - Aproximem-se! A patrulha fechou o círculo e todos disseram juntos o juramento da patrulha - “Que todos saibam, hoje e sempre, que prometo por tudo que é sagrado, amar, aceitar e respeitar os meus amigos da patrulha, honrar sua história, morrer se preciso para que seu nome seja conhecido pela coragem e abnegação. Farei prevalecer à verdade, hoje e sempre! Podem saber que seremos fortes como os touros que habitam o lago azul da vida. Que os ventos do Norte, que os ventos do Sul, que os Ventos do Leste e que os ventos do Oeste tragam a chama da liberdade, da honra e da palavra ao nosso coração.”.

Liv estava emocionada quando contava essa promessa. Em seguida ajoelhamos e todos colocaram uma máscara vermelha, e o Leo colocou a espada na cabeça e nos nossos ombros dizendo - Sejam bem vindas. Agora pertencem a Patrulha Aconcágua. Honrem seu nome por toda a vida! “Vamos beber na fonte dos deuses o sonho que nunca vai terminar, vamos juntos jurar fidelidade e amor entre nós, nada e nem nunca irão separar”! - Com o cálice, bebemos essa água sagrada, colhida na fonte dos amigos inseparáveis!

Realmente marcante essa cerimônia de batismo na patrulha. Fiquei emocionado. Conhecia outros rituais seniores, mas este foi uma surpresa. Nunca tinha visto nada igual. Dei uma olhada no manuscrito. Deduzi que estava escrito em latim. Entendia pouco. O Max me deu a tradução. - Dizia - “Lá, onde o vento sopra forte, onde a Estrela Negra mora, encontrarão a felicidade nos seus sete desejos”. Todos estavam calados. Mas o que deduziram para ir até a Serra da Estrela negra? Onde descobriram que ela existia? Perguntas. Respondida de pronto pelo Jan, o intelectual, o pesquisador da internet.

- Olhe chefe, minhas pesquisas chegaram até a Serra das Ararás. Descobri que há tempos atrás, talvez mais de 800 anos, os índios Kuripakos, descendentes dos Aruak, do alto Amazonas, moravam próximo ao Rio Vermelho, e sempre iam venerar seu Deus Tupã, que morava no alto da serra dos Ararás e a chamavam naquela época de Estrela Negra. Talvez porque ali sempre foi muito envolto em nevoa e iam sempre lá pedir ao seu Deus, que não deixasse o impiedoso Anhangá destruírem suas plantações seus filhos e suas mulheres. Tinham muito medo de Caramuru e Gundirô.

- Continuou o Jan - Eles acreditavam que foi Tupã o poderoso, que desceu a terra e fez nascer às flores, os frutos, as grandes florestas, os rios e os mares. Acreditavam que mesmo sendo mortais, Tupã os transformavam em espíritos imortais. E ali, no alto da serra, ajudados por Sumã e por Icatu eles venceriam os

deuses do mal. Entre eles nunca haveria o ódio e se alguém os perseguisse seriam atirados nos infernos. - Fiquei impressionado. O relato de Jan tinha um que de verdade.

- As jovens estavam caladas. Em seus olhos vi o desejo e o brilho da expectativa. Quem não sonha com uma bela aventura? Caramba! Esses Cinco Magníficos eram únicos. Tudo acontecia com eles. Agora tinham companhia. Das boas, duas guias da pesada. Vi mesmo que seus olhos não demonstravam medo. Era o mesmo brilho que já conhecia em todos aqueles que adentram no movimento escoteiro, em busca de grandes aventuras, de grandes atividades aventureiras.

A noite estava chegando. Estávamos ali a mais de duas horas conversando. Conheci a mãe de Max, uma chefe de escoteiras, que adorava o filho e com um carinho próprio de quem pertence ao Movimento, aprovava tudo que seu filho gostava e fazia no escotismo. Disse-me que ele era um filho exemplar. Boas notas no colégio e sempre uma alegria para seus pais. Max não cabia em si dos elogios da sua mãe. Não demorou e a casa encheu de vários pais, todos dos jovens da patrulha Aconcágua.

Estavam ali se confraternizando, pois a patrulha os fez aproximar um dos outros. Os pais de Leo e Ned também estavam lá. Seus filhos não. Encontraram outro rumo. Faz parte do crescimento. De uma nova vida. Um dia os filhos se vão e tem de encontrar seu próprio destino. Max e Ned eram grandes rapazes. Sabia que todos podiam confiar neles. Seriam um grande exemplo do que o escotismo pode fazer pelos jovens. Era uma alegria estar ali juntos daqueles pais, tão amigos uns dos outros e cuja aproximação se deu através de seus filhos.

Já passava da meia noite quando me despedi de todos. Já sabia do programa que os Cinco Magníficos fizeram. No dia seguinte, por volta das quatro da tarde, partiríamos de trem em direção à cidade de Dom Firmino, que ficava bem próxima ao pé da serra. Seriam mais de seis horas de viagem. Por volta de dez/onze horas da noite chegaríamos. Logo pegaríamos a estrada para a serra. Mais cinco quilômetros e chegaríamos ao pé da serra. Se o tempo estivesse bom, iniciariamos a subida. Até às duas da manhã percorreríamos um bom trecho.

Achei interessante o programa dos Cinco Magníficos. Agora acompanhados de duas jovens que sabia de antemão, nada iriam dever a eles na coragem, na força na astúcia e na audácia que eles sempre possuíam. Dormi o sono dos justos no hotel onde estava hospedado. Acordei com o telefone do Jan lá pelas nove dizendo que se encontrariam todos na estação, na Praça dos Ambequaras. Qualquer motorista de taxi saberia onde era.

Um bom banho, um bom desjejum e um lauto almoço, me deixaram pronto para enfrentar pela primeira vez uma aventura com aquela patrulha, cuja historia seria contada e narrada em feitos históricos por todos que tiveram a honra de participar e ali passaram boa parte de sua juventude. Fiquei na mesa do hotel, durante meu almoço pensando como o escotismo atrai, fazendo com que jovens e adultos, que

como eu já viveram uma boa parte da vida estarem juntos no mesmo ideal. Como dizia a velha canção dos pioneiros que corre de norte a sul nos Clãs do nosso país o que estávamos pretendendo, estava nos versos esplendidos, descritos de maneira tão peculiar e que encantava a todos. Uma exaltação da aventura e o sonho do desconhecido - “A sede de riscos que nunca se acaba, as rochas que a escalar, o rio tranquilo que canta e que chora, jamais poderei olvidar”. E lá nós íamos. Em uma montanha bem perto do céu!

“quando analisar uma trilha percorrida, nela sempre encontrará o ponto onde errou”.

Se corrigir os planos, poderá iniciar uma nova jornada.

Tentar outra vez.

Assim também quando caíres. Levanta-te porque só na caí quem não aprendeu a cair.

Disso sabe o bebê que aprendeu a andar. O filhote de pássaro que aprendeu a voar.

Não desista de realizar seu sonho. Pode não ter acontecido, pode ter falhado, mas quando tentamos realizar algum de bom sempre conseguimos.

O maior fracasso sempre foi o de não tentar.

Se orgulhe em dizer - “Pelo menos tentei”.

## AS LEGENDÁRIAS LENDAS ESCOTEIRAS

### Os cinco Magníficos

Historia de hoje: A montanha dos sete desejos

#### Capítulo II

Uma excelente viagem. Uma camaradagem sem par. Liv e Marly nada perdiam para eles na alegria, na vontade de fazer amigos e todos ali naquele vagão de segunda classe se divertiam com eles. Jogos, canções tudo improvisado com o balanço gostoso do trem. Uma fumaça amiga entrava pela janela. Só quem um dia pode conhecer os prazeres de viajar na “Maria fumaça”, pode entender o que eu estou dizendo.

Junior, Jan e Max não eram mais calouros. A maturidade de anos na patrulha tinha marcas profundas de amadurecimento. Os passageiros a princípio tímidos e fechados em si mesmo, agora se desabrochavam brincando e cantando com eles. Incrível uma patrulha assim. Acredito que isso era uma tradição de patrulha. Sabia que ela existia a mais de quinze anos. Quem teriam sido seus outros membros? Minha mente vagava pelas brumas que lá fora, pela janela deixavam ver os vagalumes com suas luzes coloridas. O barulho, o matraquear das rodas e espaçadamente o apito do trem me levavam longe.

Acordei com o Max me chamando. Estávamos chegando. Uma pequena cidade apareceu. Dom Firmino não tinha mais que três mil almas. Tínhamos tudo preparado.

Descemos sob os aplausos dos passageiros amigos e partimos para nosso destino final. Sempre me considereei um líder. Direção eu sempre tinha e fazia os outros me seguirem, ali, no entanto aqueles jovens estavam cheio de liderança, e me lembrei do que disse um dia BP, somos uma escola de liderança, mas aprendendo a liderar e ser liderado.

A estrada, os canaviais ao lado, depois o capim colônia e já aparecia ali o gordura, um capim próprio dos lugares úmidos e frios. Sabia que em breve as samambaias iriam desabrochar a nossa volta. Cinco quilômetros divertidos. Os Cinco Magníficos eram uma patrulha de tirar o fôlego. Agora, acompanhados de duas jovens, nada ficavam a dever das grandes patrulhas de seniores e guias que existem nessa nossa bela terra, do Oiapoque ao Chuí.

Deixamos a estrada e iniciamos a subida propriamente da serra. Ainda um pasto verde, sem arvores. Lembrei-me de uma linda mensagem que foi escrita não sei onde - “Durante a subida, ah! Quantas vezes caio. Ou sou derrubado! Mas não me levo muito a serio nas frustrações e costumo rir de mim, sem perder o amor próprio. Percebo assim, que tenho força para reiniciar a escalada após a queda. Quando aprendemos a rir de nós mesmo em tudo, a subida torna-se mais fácil.”.

Sempre no inicio de uma jornada, a alegria, a cantoria os sorrisos e conversas paralelas dão o tom do humor de uma patrulha. À medida que a subida vai aumentando, os sons vão diminuindo. Já havíamos percorrido bem uns cinco quilômetros de subida. Eram duas da manha. Max sugeriu um pequeno cochilo de três horas. Paramos próximo a uma nascente onde enchemos nossos cantis. Ali naquela grama úmida deitamos sob o olhar do orvalho da madrugada e dormimos.

Abri os olhos assustado. Estavam em pé, a nossa frente uns quatro homens mal encarados. Nada falavam, não riam, só olhavam. Levantei e os encarei. Procurei os outros, só vi a Marly. Os demais tinham desaparecido. Perguntei de chofre quem eram. - Só queremos o dinheiro. Nada mais! - Ladrões. Um tiro ecoou. Eles olharam espantados e saíram correndo. Não era tiro, era o Junior que estourou uma bexiga. Eles estavam escondidos no matagal próximo. Não deu tempo de nos acordar. Viram-nos quando chegaram de mansinho. Uma patrulha Sempre Alerta!

Coisas da vida. Vivencias. Um mundo difícil. Dinheiro fácil. Isso não era escotismo. Preparamo-nos e partimos para continuar a nossa jornada. Nada nos impediria de chegar ao nosso destino. Não havia medo, não havia duvidas. Em poucos quilômetros de subida, nossa preocupação era uma só. Encontrar a Montanha dos Sete Desejos. O terreno agora era pedregoso, subida forte, muitas vezes ajudando uns aos outros. Eram mais de meio dia, estávamos cansados. Uma parada um lanche, um gole pequeno de água.

A subida era forte, passo por passo. Liv e Marly eram uma surpresa. Conversavam pouco. Sabiam usar a pouca água que tínhamos. Não reclamavam. Não pediam ajuda. Orgulhava-me delas. Dez da noite. Um pequeno platô e paramos. Max achou que

poderíamos descansar até o outro dia de manhã. Logo Marly fez um pequeno fogo e Junior um tropeiro. Um café quente ia bem.

Conversamos amenidades, claro algumas canções, e cantei para eles uma canção que aprendi em um Jamboree no Canadá. Terra do belo Olmeiro. Lembranças de um Velho caçador de peles nos grandes lagos canadenses quando voltava para casa sem ter conseguido nada para seu sustento. Dizia mais ou menos o seguinte - "Terra do belo Olmeiro, lar do castor"... Lá onde o Alce airoso, é o senhor... Ao lago azul rochoso, eu voltarei de novo! Era Linda a musica. Quando a cantava, meus pensamentos iam e vinham até os grandes lagos, onde a floresta termina e começam as montanhas geladas do Alaska.

Estávamos muito cansados. Dormimos logo naquela linda noite sob as estrelas. Ainda bem que o tempo estava firme e isso nos deu ânimo para prosseguir. Levantamos bem cedo. Liv dessa vez foi quem nos chamou. Mochila as costas, bandeiras ao vento e lá fomos nós montanha acima. Não era um morro, era quase uma escalada. Metro por metro a ser conquistado. Às onze da manhã avistamos um platô onde achamos ser o cume da Serra da Estrela Negra. Em menos de duas horas chegamos. Não havia mais subida, não havia mais nada. Decepção. Onde estava a Montanha dos Sete Desejos?

Fiquei ali calado, matutando. Os Sete Magníficos não se entregavam. Não sabiam o que era desistir. Desconheciam a palavra desistir! Começaram a vagar em volta até que o Jan deu um grito triunfal - Achei! Corremos todos para lá. Abaixo a SSW do platô, uma pequena entrada que mal cabia um de nós. Jan não se fez de rogado e adentrou no buraco, logo foi seguido por Marly, Junior, Max e Viv. Claro, eu forcei a entrada e me vi diante de um grande túnel, totalmente escuro. Uma lanterna apareceu na mão de Max. Caminhamos por uns vinte minutos, andando devagar e um claridade imensa apareceu em uma curva do túnel.

Chegamos à borda de um penhasco imenso onde terminava o túnel, e avistamos o que seria nossa grande surpresa, uma cadeia de picos estonteantes, nevoeiros em volta, nuvens brancas com formatos de pássaros iam ao sabor do vento. Olhamos para baixo, até onde a vista alcançava, grandes extensões de rios e lagos. Difícil descrever. Uma visão maravilhosa. Era como nos estivéssemos aproximando de Deus. Impossível poder contar o que estávamos vendo. Ficamos ali estáticos. Não havia palavras para narrar o que nossos olhos viam. Se um dia, alguém não crer num Deus supremo, ali estava à prova viva de tudo que existe, na criação do universo, e então me lembrei e como lembrei de que não era nada, apenas uma fração de um momento. Como eu era pequeno ali.

Não havia para onde ir. Descer impossível. Atingir os picos distantes seria uma miragem. Agora era só olhar e ficar apalermado com a visão do impossível. Não conseguia descrever e nos meus contos futuros, não saberia o que dizer. Sentamos a borda do penhasco e ali matutávamos o retorno. Então de maneira surpreendente, uma nuvem branca pairou sobre os nossos pés. Liv pisou sobre ela. Firme, como se

fosse uma jangada para nos transportar. Sem pestanejar, todos foram a bordo da nuvem. Eu também tinha de ir. Não podia ficar para trás.

A nuvem nos conduzia de maneira maravilhosa em uma velocidade razoável, como se tivesse um destino certo. Menos de minutos depois avistamos outras centenas ou milhares de nuvens como a nossa, todas transportando uma multidão de seniores e guias, como se ali fosse realizar um grande Jamboree, reunindo diversos países em um só destino e para uma só concentração. Olhe, tenho muitos anos de escotismo. Não sou mais um sênior, sou um escotista. Não podia ser verdade o que estava vendo. Só podia ser uma miragem. Belisquei-me, dei um pulo, outro, vários, mas a visão estava ali na minha frente. Insofismável, verdadeira. Não havia como dizer que tudo não passava de uma ilusão.

Chegamos ao destino. Um enorme pico amarelo, cheio de luzes, como se milhares de arco-íris resplandessem em sua volta. Todos nós estávamos em silêncio. A nossa volta, jovens uniformizados do Japão, Groelândia, Grécia, Canadá, Estados Unidos, México, Chile países e mais países. Uniformes de todos os matizes, de todas as cores. Um espetáculo extraordinário. Também impossível descrever. Olhávamos uns para os outros sem saber o que dizer.

Como se fosse transportada em uma aragem de vento, trazendo um perfume inigualável, uma senhora de idade, um rosto fisionômico de extraordinária beleza, cabelos prateados penteados em um coque, um sorriso maravilhoso, um lenço azul brilhante preso à cabeça e com um anel de couro negro trançado prendendo um lenço da Insígnia da Madeira, uma bata branca, e em sua volta milhares de borboletas coloridas se elevou acima de todos. Com uma voz meiga, simples, sem afetação, nos cumprimentou e disse:

- “Bem vindos jovens seniores e guias de todo o mundo”. Trago-lhes a palavra do nosso criador. Sabem meus queridos amigos, vocês estão começando uma nova vida. Vocês vieram em busca dos sete desejos. Não existe aqui. Existem sim desejos mil para vocês meditem e pensem para ter uma vida melhor. (enquanto ela falava, uma sonata maravilhosa era tocada em um piano, acompanhada de bandolins num lindo arranjo musical),

- Todos vocês subiram a montanha da vida, esperavam encontrar aventuras e quem sabe muito mais. Encontraram sim. Na mensagem simples que o grande arquiteto do universo trouxe para vocês. Que suas vidas se transformem depois desta grande descoberta da Montanha dos Sete Desejos. Pensem e meditem nas palavras que vos trago.

- Escutem essa historia, meditem e pensem melhor qual o rumo que querem seguir. Historia simples, de um jovem que como vocês também passou por inúmeras dificuldades, mas conseguiu vencer todas elas.

- Ao pé dessa montanha, há muito e muitos anos atrás, num rancho simples, ele nasceu. No telhado feito de sapé cheio de furinhos por onde as estrelas entravam,

uma delas disse - Seja bem vindo! Ele cresceu e descobriu que havia outra montanha em seu caminho. Cedo ele percebeu que a vida era como uma montanha difícil. Cheia de obstáculos. Mas ele sabia que tinha de subi-la. Mas qual o seu futuro se havia nascido em berço humilde? O futuro ele descobriu, pertencem aqueles que acreditam na beleza dos seus sonhos e que nada acontece a menos que se sonhe antes.

- Então, guardando com amor o saldo de sonhos que sobrou, e como se nada tivesse acontecido, pois o alvo principal de vocês deve estar no topo, aí sim dirão: - Ele é real e é para lá que eu vou. Portanto se um dia for uma pequena nuvem, contentem-se. Não queiram ser a dura rocha que vês lá embaixo, na encosta do mar. Porque a rocha um dia não existirá mais. Serão destruídas por gotinhas d'água que vestida de roupa de nuvem, cairão como chuva e fantasiada de riacho correrão para o mar.

- Mas caso queiram ser um pequeno riacho, não lutes para ser o mar, pensando que por ser poderoso o mar não tem problemas. Todos os têm. O mar ruga e sofre sendo chicoteado dia e noite pelo vento que o impele contra as encostas das montanhas. O vento cavalga e açoita o mar. Mas não tente ser a montanha. Porque o vento que não dá tréguas ao mar, incomoda também a montanha e aos poucos vai destruindo-a pelos milênios adiante. Como o vento é poderoso.

- Não, não queiram ser o vento! Outra vez enganam-se. O vento segue a mesma lei do universo. Para existir e ser forte, o vento depende do calor do sol que ao aquecer o ar, o faz nascer. O vento não existirá se o sol não quiser. Assim seja você mesmo, pois o único que não tem limitações é Deus!

- Descubram as qualidades que vocês tem. Os animais de circo diferente dos da floresta, foram iludidos desde filhotes para não saber a força que possuem. O tigre pensa que é um gatinho. Nossa imaginação também é domada por tradições, hábitos e costumes que nos rodeiam desde o berço.

- Quando um problema se mostrar difícil, lembrem-se dessa historia. Havia dois naufragos no mar revolto. Um se debateu lutou continuamente contra as ondas ate esgotar sua energia e afundou. O outro, ao invés de dar braçadas contra o mar, apenas boiou, não gastou energias e pode assim, se salvar!

Uma emoção sublime tomava a todos. O silencio era total. O tempo era ali uma eternidade maravilhosa. Incrível mesmo descrever a emoção que todos estavam tomados. Ela continuou:

- Quando invadirem em vocês os impulsos da altivez, do orgulho e superioridade, pare e olhe para o mar, a terra e as estrelas que existem há bilhões de anos e entendam - Suas importâncias, seus brilhos, suas superioridades aqui são diminutos se comparados com tudo o que veem. São poeira perante as estrelas e um piscar de olhos. Mas se ao contrário se sintam pequenos demais, percebam que a vocês foi dado algo que as estrelas não têm. Elas são inanimadas e executam rumos fixos

predeterminados pelo Senhor do Universo. Vocês, porém tem vida, podem rir cantar e amar...

- Finalizou dizendo: - Vocês não podem mudar certas circunstâncias ou situações, mas podem adaptar-se a elas sempre, escolhendo a forma do mal menor. Pode não ser o ideal, mas será o melhor. Aproveitem as oportunidades que lhes derem, mesmos que sejam aparentemente pequenas. As grandes árvores vêm de pequeninas sementes.

Ela sorriu fez a saudação escoteira e foi pairando no ar até desaparecer. Um espetáculo inusitado. Palavras lindas. Tenho certeza que ficou gravada na vida de todos que ali estavam. Olhei para os meus amigos, olhos brilhantes, lágrimas abundantes caíam aqui e ali. Liv e Marly estavam soluçando. Max, Jan e Junior olhavam para os outros, e vi que todas as palavras pronunciadas por aquela senhora estavam marcadas para sempre em seus corações e suas memórias. De repente, uma redundante Palma Escoteira explodiu e ecoou por todo aquele vale, de picos altos e gelados, dados por seniores e guias de todo o mundo como a saudar aquela mensagem que ficariam marcadas profundamente no coração de cada um.

As nuvens com os jovens ao nosso redor começavam a desaparecer. Sentimos que éramos transportados e logo estávamos no platô onde iniciamos a busca da Montanha dos Sete Desejos. Poderia ter sido um sonho. Um sonho de todos. Entretanto a dúvida persistia. Não foi um sonho, foi real. Insofismável. Tenho certeza que cada um pensava da mesma maneira. Uma mensagem maravilhosa visando o crescimento individual de todos. Agora tinham onde se segurar nas dificuldades da vida, que iriam cercear a escalada do crescimento de cada um.

Descemos a serra, no início taciturno, mas depois a Marly começou a cantar gostosamente, “Avançam as Patrulhas”. O coro ecoou na voz de todos. A serra da Estrela Negra conheceu pela primeira vez a força dos Cinco Magníficos. Para eles não haveriam mais segredos, suas aventuras existiam e iriam perpetuar para sempre. Eles sabem aonde ir, tem sonhos e seus sonhos mesmo que pequenos irão dar a eles o sentido da vida.

Voltei para minha cidade. Uma viagem simples, mas cheia de recordações que ficarão marcadas para sempre. Agora sabia que aqueles seniores, e também é claro as guias, gostavam e viviam aventuras que eles mesmos sonhavam e elas aconteciam. Magníficos jovens, com um alto Espírito Escoteiro. Seus ideais forjam os homens e mulheres de amanhã. Ali sempre soube e agora comprovava que a lei escoteira era ponto de honra. Só isso era uma garantia que ser sênior e guia vale para toda uma vida, a força que rege esses magníficos exemplos do nosso mundo escoteiro. Quem sabe um dia poderei de novo participar de outras belas aventuras com os seniores e as guias do Aconcágua, aqueles que se intitulam os Cinco Magníficos? Ah! Saudosas esperanças do futuro!

E quem quiser que conte outra...



Quem está disposto a subir grandes montanhas de felicidade deve estar preparado também para descer enormes ladeiras de decepções.

No entanto, a chance de chegar ao topo e sentir algo que o acompanhará para o resto da vida pode valer o risco.

Davi Marcelo Galdino

Nota do autor - Muitas das frases, citações entre outras, foram baseadas no livro de John Fellinus, PARA SUBIR NA MONTANHA DA VIDA.

# FIM